



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM FILOSOFIA

MIKAELLY DA COSTA JUCÁ

**GÊNERO E POLÍTICA: O FEMININO COMO ANTÍTESE DA SOCIEDADE
CAPITALISTA NA TEORIA CRÍTICA DE HERBERT MARCUSE**

FORTALEZA

2023

MIKAELLY DA COSTA JUCÁ

GÊNERO E POLÍTICA: O FEMININO COMO ANTÍTESE DA SOCIEDADE CAPITALISTA
NA TEORIA CRÍTICA DE HERBERT MARCUSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ética e Filosofia Política.

Orientador: Prof. Dr. Adauto Lopes da Silva Filho.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

J84g

Jucá, Mikaelly da Costa.

Gênero e política : o feminino como antítese da sociedade capitalista na teoria crítica de Herbert Marcuse / Mikaelly da Costa Jucá. – 2023.
78 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Adauto Lopes da Silva Filho.

1. Herbert Marcuse. 2. Gênero. 3. Dessublimação controlada. 4. Novo Princípio de Realidade. I. Título.
CDD 100

MIKAELLY DA COSTA JUCÁ

GÊNERO E POLÍTICA: O FEMININO COMO ANTÍTESE DA SOCIEDADE
CAPITALISTA NA TEORIA CRÍTICA DE HERBERT MARCUSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ética e Filosofia Política.

Aprovada em: 10/11/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Adauto Lopes da Silva Filho (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Alberto Dias Gadanha

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. John Karley de Sousa Aquino

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

A minha pequena sobrinha Sofia, que traz a esperança de um mundo mais belo e feliz.

AGRADECIMENTOS

É com muito carinho que gostaria de agradecer, aos meus pais, que, apesar de tantas dificuldades, sempre me incentivaram a buscar meus sonhos através dos estudos.

Agradeço ao meu pai. Lembro-me de quando preparava cedinho nosso café da manhã e, ainda na garupa de sua bicicleta azul, muitas vezes sob sol escaldante ou chuva, me levava para escola, para depois ainda trabalhar. Esse sempre foi seu jeitinho de demonstrar seu afeto por nós. Agradeço à minha mãe, que mesmo diante tantas diferenças e, ao mesmo tempo, semelhanças, sempre torceu e dedicou a mim todo esforço e amor. Você foi e é meu exemplo.

Agradeço também ao meu querido irmão, por todo afeto, por me apoiar e vibrar comigo em todos meus sonhos. À minha sobrinha Sofia, pelo orgulho que sinto em vê-la crescer e por simplesmente existir. A sua querida mãe, Bruna por me dar a oportunidade de conhecer o verdadeiro amor incondicional.

Agradeço a todos os meus familiares que, mesmo distantes, sei que torcem por mim.

Agradeço a meu esposo Vinícius Oliveira, meu companheiro de tantas alegrias e dificuldades do dia a dia. Pela paciência e compreensão, ao segurar minha mão, quando muitas vezes não conseguia me equilibrar. Que possamos caminhar sempre juntos.

Preciso agradecer também a toda a minha família escolhida: os amigos.

O meu imenso obrigado aos meus amigos de toda a jornada. Em especial, à Wegila. Você exerceu papel fundamental de companheirismo e compreensão em vários momentos impossíveis de enumerar nessa caminhada. Você é exemplo de amizade sincera, agradeço pela lealdade compartilhada. A Melissa, pelas alegrias partilhadas, pelas longas conversas, pela amizade sincera e pelo exemplo de dedicação. Tenho muito orgulho de você. À Gleice, amiga mais recente, mas pela qual nutro um imenso carinho. Agradeço pela espontaneidade sincera nas atitudes, e pelo exemplo de persistência. É maravilhoso poder contar com vocês.

Agradeço a todos os outros amigos e amigas que, de alguma forma, contribuíram para minha jornada acadêmica.

Ao meu orientador, Professor Aduino Lopes da Silva Filho, por aceitar me ajudar e orientar, pelos amplos ensinamentos e generosidade. À minha banca examinadora, por aceitar e acolher meu trabalho. Ao Professor, Alberto Dias Gadanha, por ter me apresentado Marcuse e por ter me recebido no GEP Marcuse. Ao Professor John Karley de Sousa Aquino, por toda a sensibilidade e cuidado em transmitir um pouco do seu vasto conhecimento.

Por fim, a todos e a cada um, por ajudarem a escrever minha história de vida, acadêmica ou não, e mencionados ou não. Muito obrigada.

“Qualquer que seja a liberdade pela qual lutemos, deve ser uma liberdade baseada na igualdade.”

Judith Butler

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo principal apresentar o movimento de mulheres como força revolucionária e antítese diante a sociedade unidimensional na teoria crítica de Herbert Marcuse. Destacando-se, aqui, a questão de gênero que será desenvolvida a partir da concepção do feminismo como um elemento catalisador de alterações na dinâmica social. Apesar das tentativas da sociedade unidimensional de conter quaisquer forças de oposição, sobretudo com o predomínio da dessublimação repressiva e seu caráter integrador que reforça ainda mais a opressão feminina na sociedade de classes. Entre os agentes catalisadores, o filósofo vê como potência radical de mudança o movimento das mulheres, a mulher como força revolucionária e como constituidora de um movimento político de contestação necessário para um novo princípio de realidade. Marcuse, assim como Angela Davis, no ensaio *Marxismo e Feminismo*, no qual tomaremos como uma das referências principais, reconhece as potencialidades do movimento das mulheres e propõe uma possibilidade de existência de uma nova sociabilidade, quando seria superado a forma atual das relações sociais nas quais predomina a dicotomia masculino e feminino. A partir de uma dessublimação controlada, poderá remeter a uma nova sociabilidade, que só será possível com uma nova sensibilidade, com a transformação da sexualidade em Eros. Conclui-se que para Marcuse, a emancipação feminina não deve ser vista como uma utopia inatingível, mas como uma luta política, com todos os meios possíveis para acontecer, poderá ser difícil e doloroso, mas é um processo necessário para o alcance de uma sociedade madura tanto para homens quanto para mulheres. A luta pela emancipação das mulheres, também é uma luta pela emancipação humana.

Palavras-chave: Herbert Marcuse; gênero; dessublimação controlada; novo princípio de realidade.

ABSTRACT

The main aim of this dissertation is to present the women's movement as a revolutionary force and antithesis to the one-dimensional society in Herbert Marcuse's critical theory. The focus here is on the issue of gender, which will be developed from the conception of feminism as a catalyst for changes in social dynamics. Despite one-dimensional society's attempts to contain any forces of opposition, especially with the predominance of repressive desublimation and its integrating character that further reinforces female oppression in class society. Among the catalyzing agents, the philosopher sees the women's movement as a radical power for change, women as a revolutionary force and as the constituent of a political movement of contestation necessary for a new principle of reality. Marcuse, like Angela Davis, in her essay *Marxism and Feminism*, which we will use as one of our main references, recognizes the potential of the women's movement and proposes the possibility of a new sociability, when the current form of social relations in which the male-female dichotomy predominates would be overcome. A controlled desublimation could lead to a new sociability, which will only be possible with a new sensibility, with the transformation of sexuality into Eros. We can conclude that, for Marcuse, female emancipation should not be seen as an unattainable utopia, but as a political struggle that has all the possible means to take place; it may be difficult and painful, but it is a necessary process for achieving a mature society for both men and women. The struggle for women's emancipation is also a struggle for human emancipation.

Keywords: Herbert Marcuse; genre; controlled desublimation; new principle of reality.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	CAPÍTULO 1: A INSTAURAÇÃO DA SOCIEDADE UNIDIMENSIONAL..	17
2.1	A origem da sociedade unidimensional-patriarcal.....	17
2.2	A manipulação das necessidades enquanto contenção de rebelião.....	20
2.3	O conceito de dessublimação repressiva na sociedade unidimensional.....	25
2.3.1	A Prevalência da consciência feliz na sociedade unidimensional.....	27
2.3.2	Dessublimação repressiva como um dos obstáculos dos agentes catalisadores.....	30
3	CAPÍTULO 2: A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO CORPO FEMININO NA PRESERVAÇÃO DA SOCIEDADE PATRIARCAL CAPITALISTA	35
3.1	O prazer torna-se ajustado	35
3.2	A percepção do corpo e da subjetividade da mulher na contemporaneidade	41
4	CAPÍTULO 3: O MOVIMENTO FEMININO: ANTÍTESE PARA A RESENSIBILIZAÇÃO DO EROS	53
4.1	O processo de formação da consciência feminista na sociedade capitalista	53
4.2	O movimento feminino e a ressensibilização do Eros.....	61
5	CONCLUSÃO.....	68
	REFERÊNCIAS	76

INTRODUÇÃO

A tentativa de silenciar, historicamente, as mulheres, não apagou as lutas femininas que existiram e que vêm conquistando novos territórios e se fortalecendo nos espaços sociais. As mulheres influenciaram o desenvolvimento do pensamento filosófico e científico de diversas formas ao longo da história, mas ainda assim quem teve grande destaque, por exemplo, na filosofia, foram os homens filósofos. Autoras como Simone de Beauvoir ou Betty Friedan, foram fundamentais para nomear e tomar como base a questão de gênero, porém existia uma certa insatisfação no setor feminista que procurava mais aprofundamento sobre a questão da opressão das mulheres na sociedade capitalista. Mesmo que algumas filósofas tivessem bastante relevância e apesar do discreto debate na Filosofia que acabou contribuindo para que houvesse distorções da discussão de gênero, raça ou sexualidade, não é possível entender a relação da opressão de classe e de gênero, sem ler, por exemplo, a obra *União Operária* de Flora Tristan, não dá para pensar na revolução russa sem pensar no feminismo socialista, assim como nos anos 60 e 70 com o surgimento de grandes autoras feministas. Como, não é possível pensar a crise do capitalismo, sem o protagonismo das mulheres almejando a construção de uma sociedade livre e Herbert Marcuse acredita nesse protagonismo, assim como também aponta obstáculos e possibilidades da mulher como potência emancipatória frente ao sistema opressor, no qual por muito tempo, ela foi levada a se vê com os olhos dos homens.

A categoria gênero tem ganhado espaço em discussões e debates quando se trata das relações estabelecidas entre homem e mulher dentro em um sistema que centraliza o sexo como importante fator nas relações sociais, relacionadas com outras categorias como raça, classe e etnia. Joan Scott, historiadora e teórica do gênero, em seu artigo intitulado: "Gênero: uma categoria útil para uma análise histórica", compreende a questão de gênero em quatro partes: (1) Gênero como uma categoria de análise histórica e social, ou seja, o gênero está relacionado a uma construção social e cultural que molda as relações de poder, as instituições sociais e as identidades pessoais. (2) Gênero como relação de poder, onde as relações de gênero são constituídas e mantidas via sistemas de poder, como o patriarcado, que conferem privilégios e hierarquias diferentes com base no gênero. (3) Gênero como um processo de significação simbólica: onde as identidades de gênero são moldadas por práticas discursivas e simbólicas que atribuem significado às diferenças sexuais. A partir de símbolos, discursos e representações culturais são utilizados para criar e reforçar normas de gênero, "Eva e Maria, como símbolo da mulher, por exemplo, na tradição cristã do Ocidente, mas também mitos da luz e da escuridão,

da purificação e da poluição, da inocência e da corrupção. ”¹ E por fim, (4) gênero como uma prática performativa, a partir de conceitos pelas quais as pessoas incorporam e expressam sua identidade de gênero. Essa categoria rejeita o aspecto biológico, passando a ser compreendida como construções sociais sujeitas as relações de dominação a depender de cada cultura e contexto².

Diante da onda de movimentos feministas que lutam pela conquista dos direitos humanos e civis ao redor do mundo, a questão sobre a dimensão política da luta pela igualdade, transita a questão sobre o status da feminilidade. Marcuse recupera alguns momentos dessas lutas em sua luta pela vitória de *Eros* sobre *Thanatos* e nos convida a uma revisão rigorosa do que a luta política pela igualdade implicou, em termos culturais, na forma social do capitalismo contemporâneo. Nestas linhas, procuramos atender a esse convite, revendo o potencial emancipatório das imagens de feminilidade na cultura e delineando os limites que o autor propõe, a fim de contribuir para a reflexão sobre a dimensão política das lutas feministas.

O título "pai" do movimento estudantil foi atribuído a Marcuse devido à sua significativa influência no pensamento e nas ações dos estudantes ativistas dos anos 60 nos Estados Unidos, que viram nele um líder intelectual e uma figura inspiradora. Marcuse se tornou uma figura-chave na formação da consciência política dos jovens estudantes da época, e sua influência se estendeu para além do movimento estudantil, inspirando também outros movimentos sociais e políticos na década de 1960 e além. Isso nos leva a questionar como um autor conseguiu influenciar profundamente o pensamento de muitos estudantes universitários por meio de seus escritos, a ponto de seus textos e palestras serem frequentemente citados como inspiração para os protestos estudantis. Além disso, qual seria a relevância de um homem branco europeu para o movimento feminista?

Entre os alunos de Marcuse, não podemos deixar de mencionar Angela Davis³, um dos nomes mais importantes da filosofia, dos movimentos feministas e da comunidade negra na

¹ SCOTT, Joan: *Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica*, p.21.

² Segundo Joan Scott: “Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres.” Ibidem, p.7.

³ Os fatores raciais/étnicos, socioeconômicos e de gênero são bastantes presente nas obras de Angela Davis, além de debruçar principalmente na investigação sobre a mulher negra nos Estados Unidos da América. Como diz Davis “o lugar da opressão possibilita à mulher negra pensar fortemente sobre as mudanças urgentes que precisam ser realizadas, mas não sem muita luta e coragem”.

atualidade. Assim, como a filósofa, também destaca a importância de Marcuse em sua vida⁴, mesmo com o passar dos anos, sua teoria crítica ainda é viva entre jovens e ativistas, refletindo sobre temas que ainda fazem parte da nossa sociedade.

Podemos dizer que um dos motivos pelos quais Marcuse reconheceu a mulher como força revolucionária diante de uma sociedade de classes se deu pela influência de Angela Davis. Numa carta de 1970, Marcuse também reconhece: “O abstrato conceito filosófico de liberdade que nunca deve sair de cena de repente ganha vida e revela sua própria verdade concreta: a liberdade não é apenas o objetivo da libertação; ela começa com a libertação; ela existe para ser ‘praticada’. Isso, confesso, eu aprendi com você!”

Herbert Marcuse, desde seus primeiros escritos apresenta as contradições no interior das sociedades industriais avançadas, uma sociedade unidimensional⁵, sem oposição organizada. Devido aos benefícios materiais oferecidos pelo *status quo*, ocorre a denominada, “unificação dos opostos”, uma máscara de harmonia social compensadora. Dessa forma, o proletariado, agente em sua essência revolucionário, está cada vez mais integrado ao sistema, controlado e politicamente paralisado. Como meio para se tornar novamente o proletariado revolucionário, Marcuse irá destacar a função dos “agentes catalisadores⁶”, forças de oposição frente à realidade estabelecida. Deve-se atentar que Marcuse não pretende negar nem a importância e nem o protagonismo do proletariado, que permanece o principal agente de negação do capitalismo⁷, embora esteja, devido às circunstâncias da sociedade unidimensional, em um estado semi-letárgico. O objeto de estudo que destacaremos nesta pesquisa será mostrar a relevância apresentada por Marcuse das minorias. Nos delimitaremos à questão de gênero a partir da concepção

⁴“Cinquenta anos depois, enquanto nos confrontamos as persistentes globalidades da escravidão e do colonialismo, junto as desenvolvidas estruturas do capitalismo racial, as ideias de Herbert Marcuse continuam a revelar importantes lições. A insistência em imaginar futuros emancipatórios, mesmo sobre as mais desesperadas situações, continua – como Marcuse nos ensina – sendo um elemento decisivo tanto na teoria quanto na prática” De Herbert Marcuse, *Filósofo da Utopia: Uma Biografia Gráfica*. Usado com permissão da City Lights Publishers. Copyright © 2019 por Nick Thorkelson. Prefácio © 2019 por Angela Y. Davis. Tradução de Andrey Santiago.

⁵Segundo Marcuse, sociedade estabelecida, ou seja, padronizada conforme o padrão do princípio de desempenho, que tenta absorver qualquer tipo de oposição, tendo como consequência o conformismo social.

⁶Renê Ivo da Silva Lima, no seu artigo, *Os catalisadores e suas formas de resistência e luta na teoria crítica de Herbert Marcuse*, define o conceito de catalisador. Segundo Lima, R, “na teoria crítica de Herbert Marcuse, o conceito “catalisador” significa as tendências de desintegração existentes na sociedade unidimensional, que podem romper a consciência administrada da classe trabalhadora. São forças quantitativamente menores de oposição à civilização estabelecida, que podem incentivar o ressurgimento do pensamento e comportamento radical, crítico e negativo das forças quantitativamente maiores (classe trabalhadora) de oposição ao status quo. São grupos de contestação da realidade vigente que podem estimular a reativação da consciência e práxis revolucionária dos trabalhadores.” (Lima, R, 2017, p. 101)

⁷ “Eu nunca disse que a classe trabalhadora pode ser substituída por qualquer outra classe na transição do capitalismo para o socialismo. (MARCUSE, Herbert. 2015b, p. 08).

do feminismo como um elemento catalisador de alterações na dinâmica social. Entre esses elementos catalisadores, ele vê como potência radical de mudança o movimento das mulheres.

No artigo *Marxismo e Feminismo (1974)*, palestra proferida por Marcuse, será crucial nessa dissertação, o autor será mais enfático em relação ao movimento das mulheres, que, para ele, é mais que uma força política contra *o status quo*. É determinante para uma transformação social necessária, um movimento independente. Marcuse ressalta que, para entender a sociedade, deve-se compreender a relação entre homem e mulher, que foram, por um longo processo, socialmente condicionados pela civilização. Por um longo processo histórico de sujeição, a mulher foi restringida à condição de cuidadora do lar e dos filhos, condicionada socialmente a ser recatada enquanto o homem estava envolvido com o trabalho. Com o sustento da casa, ambos apresentam características diferentes, tanto social, mental quanto fisiológica.

Como objetivos específicos, pretendemos: apontar como a sociedade industrial torna a realidade irracional, sujeitando os homens à mais-valia e dominação. A partir de falsas necessidades, prevalece uma consciência feliz. Desenvolver a partir de Marcuse em *Marxismo e Feminismo*, como o movimento de mulheres pode contribuir para a construção de um novo princípio de realidade, além de apresentar quais os obstáculos para a emancipação feminina devido à dessublimação repressiva na sociedade unidimensional. E, por fim, relacionar o movimento de mulheres com a ressensibilização do Eros a partir de um Novo Princípio de Realidade como alternativas para uma nova sociedade de libertação de homens e mulheres.

O problema que esta pesquisa enfatiza como fio condutor para solucionarmos é: segundo Marcuse, que relação possui a opressão das mulheres e o sistema de reprodução do capitalismo? Como a luta feminista pode contribuir para a efetivação de um novo princípio de realidade diferente do existente, isto é, com novos valores e uma nova relação com a realidade, distinto da patriarcal atualmente em vigor? Desta forma, também surgirão algumas questões importantes, destas pode-se destacar a seguinte: como ocorre o processo de formação da consciência feminista em uma sociedade patriarcal e capitalista? E, como pensar o movimento feminista como força revolucionária para além de uma utopia? Com isso, a presente pesquisa se delimitará a contribuir com a discussão acerca da temática marcuseana, na linha feminista como força revolucionária.

No processo do primeiro capítulo, *A Instauração da Sociedade Unidimensional -Patriarcal*, a partir das obras e textos mais importantes, como *O Homem Unidimensional: Estudos da ideologia da sociedade industrial avançada* e *Eros e Civilização- - Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*, temos por objetivo analisar a sociedade industrialmente avançada, no qual o alcance da dominação dos meios materiais sobre o indivíduo tem sido

potencializado, com intuito de os dominados permanecerem alienados, fixando ainda mais o princípio estabelecido. A sociedade industrial avançada é destrutiva e organiza racionalmente⁸ de maneira argilosa a irracionalidade, “no entanto, essa sociedade é irracional como um todo”⁹, construído da maneira mais atrativa possível. As comunicações de massas, cultura, publicidade e modos de pensar contemporâneo apenas reproduzem o sistema existente, dificultando qualquer tipo de oposição. Dessa forma, possibilitam uma introjeção de um comportamento e padrão unidimensional, transformando todo progresso técnico e científico em instrumento de dominação, que, no caso, é danoso, pois sua produtividade destrói o livre desenvolvimento das necessidades e faculdades humanas. Daremos continuidade à tentativa de mostrar ainda nessa primeira parte, essa sociedade que Marcuse denomina como “sociedade sem oposição”, tudo que a contém aparece como produto do conformismo lucrativo social, onde as opções de consumo são inúmeras, aptas para satisfazer as necessidades que já estão condicionadas.

Falaremos ainda como a sociedade afluyente mantém seus dominados satisfeitos, fazendo que os mesmos se vejam conformados e até mesmo acreditem que possuem tamanha liberdade. Portanto, não há oposição, uma vez que os indivíduos gratificados se encontram mais satisfeitos do que nunca. A dominação é, em grande parte fruto da tecnologia¹⁰ e do progresso técnico usados como instrumentos, sobretudo político, contra formas humanas de existência que promovam a real liberdade e que permitam novas possibilidades de alternativas para o ser humano, ou seja, isso impede a formação de um pensamento crítico diante a sociedade estabelecida. A sociedade capitalista é em si, contraditória, e o indivíduo não percebe essa contradição, devido à prevalência das falsas necessidades; “que o racional seja efetivo, é o que revela precisamente a contradição da realidade irracional que está, por todos os cantos e recantos, o contrário daquilo que pretende ser, e que pretende o contrário daquilo que é.”¹¹

A sociedade encontra-se satisfeita, conseqüentemente conformada. O indivíduo é refém de um sistema de escravidão inconscientemente, que não somente motiva as pessoas e grupos a se explorarem diretamente para sua preservação e expansão, mas, na verdade, preserva a integridade da estrutura de poder elitista. São como marionetes de um sistema produtivo, condicionados ao que comer e vestir, por meio de propagandas, promoções e a forte influência da

⁸ O termo racional se refere àquilo que promove a vida ao contrário do que é irracional que utiliza meios para os piores fins (fins esses são determinados de formas particulares).

⁹ MARCUSE, Herbert: *O Homem Unidimensional*, 2015, p.31

¹⁰ Marcuse não é contra os ganhos da tecnologia. Ao contrário, apenas se opõe frontalmente que eles fiquem unicamente a serviço de uma ordem que privilegia mais os lucros do que o bem-estar e até a própria vida humana.

¹¹ MARX, Karl. 1982, p. 941.

Indústria Cultural. Devido ao fato de possuírem inúmeras opções, o indivíduo acredita que contém liberdade, uma falsa liberdade democrática racional, uma consciência que o filósofo denomina como “*Consciência Feliz*” cuja principal função é paralisar o indivíduo diante de qualquer tipo de oposição ao *Establishment*.

Ainda seguindo a proposta do primeiro capítulo, iremos abordar um dos pontos que conduzem a questão central desta pesquisa. O filósofo parte da concepção de sublimação descrita por Freud como um processo que fortalece o sujeito ao desviar as pulsões dos seus alvos primeiros e mediar para alvos mais elevados, aceitos socialmente. Se, com a sublimação, o indivíduo pôde mediar suas pulsões, prevalece no *status quo* um excesso de dessublimação, prevalecendo um imediatismo. Esse conceito será crucial para entendermos como a sociedade afluyente mantém seus dominados satisfeitos através de seus mecanismos de controles e como será um dos obstáculos que confrontará a libertação das mulheres e, conseqüentemente a libertação humana. Se anteriormente, com a sublimação, o indivíduo poderia ao menos ter uma consciência de renúncia e posição, diante do imediatismo oferecido pela dessublimação repressiva, prevalece a consciência feliz que tem como principal função manter o indivíduo conformado e satisfeito, este se sentirá parte da realidade estabelecida.

No segundo capítulo, *A Instrumentalização do corpo feminino na preservação da sociedade patriarcal capitalista*, contextualizaremos teoricamente e historicamente o problema teórico-prático enfrentado pelo movimento de mulheres na sociedade patriarcal. Numa sociedade que prevalece uma dessublimação, evidencia-se uma intensificação da sexualidade genital repressiva, ao mesmo tempo, em que oferece aos indivíduos uma aparente maior liberdade. Maior liberdade sexual, sim, mas não uma liberdade erótica, tornando a sexualidade o principal mecanismo de controle dos indivíduos. Na sociedade industrial avançada, o indivíduo, conciliado com a realidade capitalista, acaba por identificar-se com o *status quo*, devido às suas satisfações serem supridas por uma democracia administrada. Pelo princípio de desempenho¹², ocorre uma intensificação do controle, mediante uma produção lucrativa em favor de uma liberalização sexual controlada. A sexualidade agora está ajustada à mercadoria, relacionada ao capital e às falsas necessidades.

Devido a essa domesticação, a sexualidade desempenha agora um papel de ser mais um produto de controle dentro da sociedade unidimensional, e essa adaptação do prazer aos meios

¹² Designamo-lo por princípio de desempenho a fim de darmos destaque ao fato de que, sob o seu domínio, a sociedade é estratificada de acordo com os desempenhos econômicos concorrentes dos seus membros” (MARCUSE, Herbert: 1955, p. 59).

de realização socialmente aceitáveis é um pré-requisito para a integração cultural da sexualidade. A sociedade industrial é perspicaz. Se antes a sociedade era caracterizada por exigências éticas e morais, hoje existem possibilidades contratuais diferentes das promovidas pela moralidade sexual vitoriana. Devido a isso, torna-se mais difícil do indivíduo distinguir, a liberdade repressiva da verdadeira liberdade. Um dos elementos que mais contribui para essa percepção desfocada é a linha tênue entre as falsas necessidades e o direito universal ao prazer. Com uma aparente liberdade que aparece como algo positivo, ocorre também um maior domínio, agora consentido, pois “sob o domínio de um todo repressivo, a liberdade pode ser transformada em um poderoso instrumento de dominação”¹³

No decorrer dos capítulos anteriores, perceberemos o quanto o sistema capitalista se encontra fortalecido devido às tendências repressivas. O sistema econômico fortalece ainda mais o poder masculino, intensificando as relações de poder desiguais. “Ser mulher” numa estrutura capitalista é estar cercada de exigências impostas com objetivos específicos, em particular a segregação das mulheres cercadas de opressão, exclusão e dominação destinadas a serem mãe, filha e esposa, e reforçar a superioridade do homem. Com o predomínio da dessublimação repressiva, a mulher é cada vez mais transformada em um objeto sexual, o corpo feminino torna-se uma lucrativa mercadoria, um corpo domesticável a ser vendido. Essas tendências, que podem parecer libertadoras para alguns, é o resultado de uma “camuflagem” reprodutiva do sistema patriarcal estabelecido, onde a mulher tem estado sujeita a uma repressão singular, manipuladora e exploradora.

No terceiro e último capítulo, *O Movimento Feminino: Antítese para a Ressensibilização do Eros*, apoiaremos nossa análise em autoras como Angela Davis, Margaret Mead e outras. Discutiremos a possibilidade de um novo princípio de realidade, uma luta que deve ocorrer simultaneamente em duas instâncias, a partir de uma nova consciência. Marcuse define o feminismo como “uma revolta contra o capitalismo”, um movimento comprometido com a transformação radical em direção a um socialismo feminista que seria o núcleo da nova existência humana e livre. A partir de um Eros libertador, Marcuse afirma que uma de suas inspirações para fundamentar sua teoria de *Eros*, como elemento emancipador é a obra *A educação estética do homem: numa série de cartas* de Friedrich Schiller. O autor busca ali os elementos necessários para fundamentar um novo princípio de realidade, uma possibilidade de libertação, a partir da ressensibilização do *Eros*. Marcuse propõe unir sensibilidade e razão como alternativas para o indivíduo sair da dessublimação repressiva para uma dessublimação controlada.

¹³ MARCUSE, Herbert: *O Homem Unidimensional*, 2015, p.46

Herbert Marcuse procura apresentar possibilidades para que homens e mulheres sejam livres do domínio e exploração. A mulher, como potência revolucionária em oposição a um conservadorismo muitas vezes prevalecente na sociedade industrial avançada, terá papel determinante para conquistar não apenas sua emancipação, mas também superar uma etapa essencial em direção a uma sociedade melhor para homens e mulheres.

Nosso objetivo geral será determinar em Marcuse qual a relação existente entre o movimento de mulheres e uma possibilidade real de libertação para além da realidade estabelecida. Além de expor o movimento feminista em sua função revolucionária na redefinição da subjetividade humana apresentada pela teoria crítica de Herbert Marcuse.

Entendemos ser importante a retomada da teoria crítica de Marcuse, na medida em que ela nos oferece não apenas instrumentos conceituais relevantes para a teoria social e a política contemporânea, mas saídas concretas e superáveis com base no pensar dialético (cancelar, manter e melhorar)¹⁴.

Marcuse, ao evitar cair no ceticismo absoluto, conhecido até mesmo por alguns, por ser “pessimista” e utópico, demonstra em suas obras, ser na verdade, um revolucionário em busca de alternativas teóricas e políticas para o futuro. Ele se defende em *Cultura e Psicanálise- A noção de progresso a luz da psicanálise*, sobre seus argumentos utópicos: “Talvez seja hoje menos irresponsável pintar uma utopia fundamentada que difamar como utopia condições e possibilidades que já há muito se tornaram possibilidades realizáveis.” Robespierre Oliveira destaca no marxismo de Herbert Marcuse a busca incessante pela transformação total da realidade, não parcialmente econômica ou política do capitalismo industrial, “Pode-se notar como característica do marxismo de Marcuse a busca incessante pela utopia como guia ético do processo de transformação social e a crítica sem concessões ao existente”.¹⁵

¹⁴“ O pensamento dialético, portanto torna-se negativo em si mesmo. Sua função é quebrar a auto- segurança e o contentamento consigo do senso comum, para destruir a sinistra confiança no poder e na linguagem dos fatos (...) “. Tradução de Alberto Dias Gadanha do Prefácio *A note on dialectic* do livro de Herbert Marcuse *Reason and Revolution- Hegel and the rise of social theory-* Boston: Beacon Press, 1960. Da tradução brasileira *Razão e Revolução- Hegel e o advento da teorial social* RJ: Paz e Terra, 1978; não consta este prefácio da 2º edição, pois foi realizada a partir da 1º edição de 1941.

¹⁵OLIVEIRA, R: *O papel da Filosofia na Teoria Crítica de Herbert Marcuse*, p. 69

2 CAPÍTULO I: A INSTAURAÇÃO DA SOCIEDADE UNIDIMENSIONAL

Contudo, por baixo da base conservadora popular está o substrato dos pátrios e estranhos, dos explorados e perseguidos de outras raças e de outras cores, os desempregados e os não-empregáveis. Eles existem fora do progresso democrático; sua existência é a mais imediata e a mais real necessidade de pôr fim às condições e instituições intoleráveis. (MARCUSE, 1964)

2.1 A Origem da Sociedade Unidimensional-patriarcal

A ideia de uma possível fase matriarcal na história da civilização já foi sugerida em meados séculos XIX, chegou a ser debatida e, por um momento, chegou a ser tratada como um fato histórico por alguns arqueólogos e antropólogos, principalmente com a justificativa de que, quando arqueólogos descobriram grande quantidade de estátuas femininas conhecidas como vênus ou Estatuetas de Vênus e as identificaram como representações de Deusa mãe, essas descobertas reforçaram as teorias antropológicas que apontavam para a existência do matriarcalismo. Para a antropóloga Cynthia Eller, autora de "The Myth of Matriarchal Prehistory" (O Mito da Pré-História Matriarcal), o que refuta essa teoria é que essas representações femininas não provam a possível centralidade das mulheres nessas sociedades, visto que existem culturas, com estatuetas femininas e que praticavam religiões patriarcais. Para Cynthia Eller, a possibilidade de uma sociedade onde mulheres detêm o poder não passou de mito e vai além, um mito que tenta justificar a origem de como o homem tornou-se dominante.

Em *Eros e Civilização*, Marcuse aponta para o que Freud indicou como sendo um “período do matriarcado”, o qual teria sido originado pelo despotismo patriarcal primordial e que teria como consequências:

O baixo grau de dominação repressiva, a amplitude de liberdade erótica, que estão tradicionalmente associados ao matriarcado, deparam-se nos, na hipótese de Freud, mas como consequências do derrubamento do despotismo patriarcal do que como condições “naturais” primárias. ¹⁶

Partindo da obra *O Mal-Estar na Civilização*, Sigmund Freud retoma seu artigo *Totem e Tabu*, sobre o mito da horda primeva, demonstrando que o indivíduo desde seus primórdios foi dominado. A origem da sociedade repressiva é construída sobre uma hipótese antropológica. Segundo Freud, o primeiro grupo humano foi organizado sob dominação. Marcuse irá salientar á

¹⁶ MARCUSE, Herbert: *Eros e Civilização*, p.72.

a importância dessa dialética de dominação¹⁷, “ pelo seu valor simbólico”. Ao utilizar a teoria freudiana como instrumento de análise da sociedade existente, o filósofo não pretende contribuir para a psicanálise em si, mas, como ele mesmo afirma, “mas com as suas implicações filosóficas e sociológicas”¹⁸.

Segundo o mito freudiano, havia um pai, que detinha um poder despótico sobre os filhos. Esse pai monopolizava o prazer supremo, a mulher, e obrigava os demais do grupo a canalizar suas pulsões em atividades desagradáveis, porém necessárias. Com a canalização do sentimento de ódio em relação ao pai, os filhos se rebelam e o assassinam. Sem o pai, os irmãos percebem que falta autoridade no grupo e que, sem uma repressão, seria impossível manter a ordem. Dessa forma, os irmãos acreditavam que, sem a repressão imposta poderiam ser livres, portanto, foi preciso eleger outro governante para manter a ordem.

A primeira tentativa de liberar as pulsões e generalizar a sua satisfação, de eliminar a distribuição despótica, hierárquica e privilegiada da felicidade e do trabalho, consiste em se libertar da dominação. Esta acaba, segundo Freud, quando os filhos rebeldes ou irmãos vêem ou crêem ver que é impossível não haver dominação e que na verdade o pai não era inútil, por mais despoticamente que tivesse governado. O pai é reposto pelos irmãos, agora voluntariamente e, por assim dizer, de maneira generalizada, como moralidade, isto é, eles impõem a si mesmo, livremente, as renúncias e restrições às pulsões a que antes haviam sido coagidos pelo pai primitivo. A horda primitiva de animais humanos torna-se a primeira e a mais primitiva sociedade humana. A repressão das pulsões torna-se voluntária e interiorizada dos indivíduos e, ao mesmo tempo, a dominação paterna reaparece na figura dos muitos pais, que cada um por si transmitem ao próprio clã, ao próprio grupo, a moralidade da dominação paterna, impondo assim a restrição das pulsões e assegurando sua transmissão às novas gerações.¹⁹

Toda vez que os indivíduos estavam prestes a se libertar da repressão, a liberdade era seguida por uma reafirmação da dominação; a dominação era imposta novamente, e de forma mais intensa. Com a substituição do matriarcado por uma “ contrarrevolução patriarcal, o autor destaca a influência e participação da religião como força instauradora do patriarcado.

¹⁷ “A hipótese freudiana sobre a origem da história humana, abstraindo de seu possível conteúdo empírico, resume admiravelmente, numa imagem incomparável, a dialética de dominação, sua origem, transformação e desenvolvimento com o progresso da civilização. Seus traços principais são conhecidos: a história começa quando, numa horda primitiva, o pai primitivo, se impõe como senhor absoluto e estabelece sua dominação ao monopolizar a mulher- a mãe ou as mães- e ao excluir da fruição dela todos os outros membros da horda. Isso significa que não são a natureza, a pobreza, a fraqueza que forçam a primeira e decisiva repressão pulsional visando o desenvolvimento da civilização, e sim o despotismo da dominação- o fato de que um déspota distribui e se aproveita injustamente da pobreza, da escassez, da fraqueza, de que reserva para si a fruição e joga o trabalho sobre os outros membros da horda. Esse primeiro passo na repressão das pulsões, ainda pré-histórico, leva necessariamente ao segundo: a rebelião dos filhos contra o despotismo do pai. Segundo a hipótese de Freud, o pai é assassinado pelos filhos e devorado coletivamente numa refeição fúnebre”. (MARCUSE. A noção de progresso à luz da psicanálise, p. 113)

¹⁸MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*, p.30.

¹⁹MARCUSE, Herbert. 1968, p. 113,114.

Os deuses masculinos surgem, inicialmente, como filhos por parte das grandes divindades maternas (deusas-mães); mas, gradualmente, assumem as características do pai; o poli-teísmo cede ao monoteísmo e, então, retorna o único deus pai cujo poder é ilimitado. Sublime e sublimada, a dominação original torna-se eterna, cósmica e boa; e nessa forma resguardado processo de civilização. Os direitos históricos do pai primordial estão restaurados.²⁰

Ao longo de toda a história da civilização, os próprios indivíduos se negam internamente a serem libertos, pertencentes a uma dominação interiorizada, renunciando e reprimindo suas pulsões. Freud ressalta que, para que a civilização possa se desenvolver, o homem tem que pagar o preço da renúncia de satisfação pulsional, sendo assim o indivíduo sempre será inimigo da civilização. Portanto, trata-se de uma constante luta entre o homem isolado e sua liberdade, substituindo o poder do indivíduo para o poder da sociedade: “ A liberdade do indivíduo não constitui um dom da civilização ”²¹

Marcuse extrai das obras de Freud dois princípios básicos, que correspondem às etapas do processo mental: princípio de prazer e princípio de realidade. Princípio de prazer, um estado definido por Freud em que os homens agem unicamente em função de suas necessidades vitais, como um animal irracional que obedece às suas pulsões e vive em função do prazer imediato, sem nenhum tipo de impedimento. Ocorre então a transformação do princípio de prazer, que até então possuía apenas uma instância mental, o id, e o princípio de prazer torna-se princípio de realidade. Em *Eros e Civilização*, Marcuse partiu do princípio de que para Freud a civilização deve domesticar os impulsos humanos (Eros: impulso de vida e Thanatos: impulso de morte), Freud na sua obra *O Futuro de uma Ilusão*, afirma que se faz necessário a renúncia dos sujeitos para o indivíduo viver apto em uma civilização.

Parece, antes, que toda civilização tem de se erigir sobre a coerção e a renúncia ao instinto; sequer parece certo se, caso cessasse a coerção, a maioria dos seres humanos estaria preparada para empreender o trabalho necessário à aquisição de novas riquezas. Acho que se tem de levar em conta o fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivas e, portanto, anti-sociais e anticulturais, e que, num grande número de pessoas, essas tendências são suficientemente fortes para determinar o comportamento delas na sociedade humana.²²

Com o controle e a repressão dos impulsos pelo ego, o princípio de realidade permite o surgimento da civilização, criando mecanismos institucionais como a família e a escola. Dessa forma, Marcuse observa que foi pela repressão ao princípio de prazer que se pôde desenvolver

²⁰ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*, p. 73.

²¹ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*, p.103

²² FREUD, Sigmund. *O Futuro de uma Ilusão*. p.17

a civilização, permitindo assim os indivíduos se dedicarem a outras atividades culturais ou científicas. Em outras palavras, não é de todo ruim para a sociedade, alguma forma de repressão é necessária para que se viva em sociedade. Para Freud, se os impulsos básicos fossem liberados, caso o princípio de prazer não fosse dominado, nunca o homem direcionaria suas forças para o trabalho, que em boa parte é penoso e não prazeroso.

Assim como Freud, Marcuse enfatiza que se faz necessária uma repressão básica e necessária, repressão “filogeneticamente necessária”. Entretanto, a sociedade, tomada pelo princípio de desempenho, conceito desenvolvido por Marcuse: “Designá-lo por princípio de desempenho a fim de darmos destaque ao fato de que, sob o seu domínio, a sociedade é estratificada de acordo com os desempenhos econômicos concorrentes dos seus membros”²³. Esse princípio está relacionado a outra terminologia do filósofo, a “mais-repressão”, conceito que ele desenvolve para acentuar a necessidade da sociedade industrial em exigir um índice mais elevado de repressão individual para exercer com sucesso o controle social.

A partir disso, a repressão torna-se além do necessário, imposta por uma racionalidade irracional, que privilegia interesses do *status quo*, que o filósofo denomina de mais-repressão.

Além disso, embora qualquer forma do princípio de realidade exija um considerável grau e âmbito de controle repressivo sobre os instintos, as instituições históricas específicas do princípio de realidade e os interesses específicos de uma dominação introduzem controles adicionais acima e além dos indispensáveis a associação civilizada humana. Esses controles adicionais, gerados pelas instituições específicas de dominação, receberam de nós o nome de mais repressão. Por exemplo, as modificações e deflexões de energia instintiva necessárias a perpetuação da família patriarcal- monogâmica, ou a uma divisão hierárquica do trabalho, ou ao controle público da existência privada do indivíduo, são exemplos de mais-repressão concernente às instituições de um determinado princípio de realidade. É somada às restrições básicas (filogenéticas) dos instintos que marcam a evolução do homem do animal humano para o animal sapiens.²⁴

2.2 A Manipulação das necessidades enquanto contenção de rebelião

A sociedade industrial avançada, aparentemente vista como a sociedade da razão, dado ao alto nível de avanço científico e tecnológico que atingiu, mostra-se na verdade, uma sociedade irracional, pois sua produtividade destrói o livre desenvolvimento das faculdades e necessidades humanas. Contrariamente a isso, ela é aprimorada pelo *status quo*, controlando o indivíduo através da indústria de entretenimento, visto que, caso não fosse assim, os indivíduos

²³ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*, p.58.

²⁴ *Ibidem*, p. 53.

poderiam conscientizar-se da repressão à qual estão sujeitos e das potencialidades de libertação dessa realidade repressora.

A defesa consiste, principalmente, num fortalecimento dos controles não tanto sobre os instintos, mas sobre a consciência, a qual, se se permitir que fique livre, poderá reconhecer o trabalho de repressão mesmo nas maiores e melhores satisfações de necessidades.²⁵

O sujeito estará imerso no que Marcuse interpreta, a partir de um conceito marxista chamado trabalho alienado. É alienado, pois estará direcionado única e exclusivamente para a crescente produtividade da sociedade industrial. Para Marcuse, o trabalho é socialmente necessário e deveria limitar-se apenas ao nível das necessidades básicas, tendo como único objetivo somente a satisfação dessas necessidades. Porém, o indivíduo é levado a ter um desempenho além do que é preciso, se quiser consumir além de suas necessidades básicas, também terá que acompanhar os padrões de vida do sistema. Diante disso, a classe operária, ligada ao sistema das necessidades, já não sente a necessidade de transformar a sociedade capitalista, uma vez que está quase integrada por completo ao sistema.

O trabalhador tem sua vida definida pelo próprio emprego, perdendo o encanto pela contemplação das coisas e o desenvolvimento das faculdades humanas. Sua vida fica comprometida pelo horário do trabalho, o trabalho se transforma em labuta. A partir disso, o trabalhador não percebe esse auto-sacrifício, pois ele precisa comprar necessidades além do que realmente precisa, necessidades adicionais que não dizem respeito a vitalidades da espécie humana, mas ao mercado.

O *status quo* com seus discursos de competências, transformou a vida e sociedade, introduzindo um modo de vida fundamentado na produção, exploração do homem, venda de trabalho e acúmulo de bens. O indivíduo acaba sendo dominado pela sua atividade laboral: ele acorda e descansa para no outro dia retornar ao trabalho, “ “Para estes [produtores], a própria atividade social possui a forma de uma atividade das coisas sob cujo controle se encontram, ao invés de as controlarem”²⁶. Com essa “ unificação dos opostos” que o sistema capitalista com seu planejamento econômico permite aos indivíduos pobres e trabalhadores a comprar e frequentar os mesmos lugares que os ricos, fazendo parecer que há uma igualdade social que preza pela qualidade de vida dos indivíduos, de fornecer as mesmas possibilidades para as diversas classes sociais.

²⁵ Ibidem, p. 95.

²⁶ MARX, Karl: *O Capital – Crítica da economia política (livro I – O processo de produção do capital)*, p. 210.

Aqui, o assim chamado nivelamento das classes revela sua função ideológica. Se o trabalhador e seu chefe se divertem com o mesmo programa de televisão e visitam os mesmos lugares de lazer e descanso, se a datilógrafa está tão atraente maquiada quanto a filha do patrão, se o negro possui um Cadillac, se todos leem o mesmo jornal, então essa assimilação indica não o desaparecimento das classes, mas a extensão na qual as necessidades e satisfações que servem para a preservação do Establishment são partilhadas por toda a população subjacente.²⁷

Para que o sujeito seja levado a consumir além do que seja necessário, a sociedade industrial, cria novas necessidades. Marcuse então vai distinguir entre necessidades verdadeiras²⁸ e falsas. “Falsas são aquelas que são super-impostas ao indivíduo por interesses sociais particulares para reprimi-lo: às necessidades que perpetuam a labuta, a agressividade, a miséria e a injustiça”²⁹. E destaca quais as reais necessidades realmente necessárias ao homem: “as únicas necessidades que possuem uma pretensão absoluta à satisfação são as necessidades vitais- alimentação, vestuário e moradia, possível em certo nível cultural.”³⁰

O filósofo percebe que o conforto inerente ao capitalismo não é, em si, um problema para os indivíduos, mas sim o elevado custo oculto por trás desse conforto. Em outras palavras, a liberdade de escolha de produtos dos mais variados instaura novas necessidades manipuladas, afetando, assim, todos os públicos. O sistema de mercadorias exporta sua forma de vida, assim como seus valores.

A livre escolha entre uma ampla variedade de bens e serviços não significa liberdade se esses bens e serviços sustentam controles sociais sob uma vida de labuta e medo-isto é, se eles sustentam a alienação. E a reprodução espontânea, pelo indivíduo, de necessidades superimpostas não estabelece a autonomia; ela testemunha apenas a eficácia dos controles.³¹

Marx já havia alertado que o prazer se encontra cada vez mais “fora do indivíduo” e a fetichização da mercadoria é cada vez maior. O capital estimula uma série de necessidades, não

²⁷ MARCUSE, Herbert: *O Homem Unidimensional: Estudos da Ideologia da Sociedade Industrial Avançada*, p. 47.

²⁸ As verdadeiras necessidades são tanto as necessidades vitais básicas como aquelas que realmente se tornaram indispensáveis para nós e tornam nossa vida melhor, como a de comunicação e a de transporte, ou a necessidade de consumir um medicamento para tratar uma doença crônica que antes não tinha tratamento ou mesmo a necessidade de iniciar um tratamento para se curar de uma doença antes incurável. Em síntese, as necessidades verdadeiras são aquelas que atendemo Imperativo Erótico de que “a vida humana é digna de ser vivida, ou melhor, pode e deve ser feita digna de ser vivida” (MARCUSE, 2015a, p.32). Aquino, John Karley de Sousa. A concepção de mudança radical na Teoria Crítica de Herbert Marcuse / John Karley de Sousa Aquino. 2022. 151 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2022.

²⁹ Ibidem, p. 44

³⁰ Ibidem, p. 44

³¹ MARCUSE, Herbert: *O Homem Unidimensional: Estudos da Ideologia da Sociedade Industrial Avançada*, p. 46.

visando promover o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, mas apenas de manter o indivíduo alinhado com as gratificações oferecidas, cuja obsolescência já fora programada.

Com a criação de novas necessidades³², ocorre também, a redução da liberdade e dos direitos dos indivíduos, já que uma administração da sociedade pautada na razão instrumental ocasiona danos severos à subjetividade. A própria razão que legitima esses atos compactua com a regressão de todas as esferas humanas ao ditame do capital. O aparato instrumental sempre exigirá mais do indivíduo para mantê-lo ocupado. Segundo Marcuse, “o aparato impõe suas exigências econômicas e políticas para a defesa e a expansão ao tempo de trabalho e ao tempo livre, à cultura material e intelectual”³³. Dessa forma, a organização da sociedade capitalista industrial tende a tornar-se totalitária, uma vez que atua através da manipulação dos interesses e das necessidades dos indivíduos que a compõe. A liberdade do indivíduo é, assim, constantemente sufocada pela velocidade com que as necessidades surgem, e as promessas de novas satisfações irrompem com força total em sua realidade material.

A sociedade unidimensional, assim define Marcuse, dá origem a um “padrão de pensamento e comportamento unidimensional, no qual as ideias, as aspirações e objetivos que, por seu conteúdo, transcendem o universo estabelecido do discurso e da ação, são ou repelidos, ou reduzidos aos termos desse universo”³⁴. É uma não-liberdade confortável que mascara a verdadeira face do sistema, uma sociedade capaz de satisfazer quase todas as necessidades dos indivíduos, onde estes não conseguem perceber que são regidos por uma força dominante e uma forte repressão. Os fins acabam se tornando obscuros, pois acabam envolvidos com o modo de vida estabelecido que aprovam, aceitam e reproduzem, incorporando seus valores da forma mais natural, sem questionar, assim é uma sociedade unidimensional.

Com o conceito de liberdade reajustado através da promessa de conforto e de uma vida melhor, o indivíduo encontra-se paralisado por uma classe que controla as massas, assim como também dita seus paradigmas ideológicos na subjetividade, dificultando qualquer possibilidade

³²“Essa predominância ocorre porque na sociedade capitalista os produtos do trabalho e o próprio trabalhador tornam-se mercadorias; transformando, conseqüentemente, a sociabilidade humana, bem como o próprio homem, em coisas. Desse modo, as relações humanas passam a ser coisificadas, reificadas, pois se manifestam sob a forma social de coisas, quer dizer, as relações sociais entre as pessoas na realização de seus trabalhos e nos complexos sociais que deles derivam não se revelam como suas próprias relações pessoais e sim adquirem a forma enigmática da mercadoria que passa a dominar a vida dos homens como se fosse um poder autônomo e estranho a eles” SILVA FILHO, Adauto Lopes da. História, razão instrumental e educação emancipativa. 2007. 172f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2007.

³³ MARCUSE, Herbert: *O Homem Unidimensional: Estudos da Ideologia da Sociedade Industrial Avançada*, p. 24.

³⁴ Ibidem, p.50.

de posicionamento crítico. A sociedade industrial não permite a consolidação de uma interioridade, a máxima da sociedade afluyente é oferecer uma falsa liberdade democrática racional que suprime a individualidade e funda-se na mecanização dos desempenhos.

A liberdade e gratificação passam a ser instrumentos de repressão. Aos olhos de Marcuse: ‘as liberdades e gratificações existentes estão vinculadas aos requisitos de dominação; elas próprias se convertem em instrumentos de repressão.’³⁵ As necessidades políticas dessa sociedade industrial tornam-se as necessidades dos indivíduos e a satisfação destas promove o avanço da comunidade e dos interesses econômicos das grandes corporações.

Em *O Homem Unidimensional*, Marcuse afirma que a causa historicamente determinante da unidimensionalidade do ser humano é o atual modo de produção da chamada sociedade industrial avançada, que, através de sua poderosa racionalidade científico- tecnológica, impõe um controle e uma administração quase total³⁶ das vidas humanas. Embora os homens sejam reprimidos, ainda, sim, acreditam que vivem em liberdade e que são felizes. Se conformam com a realidade estabelecida, tornando-se ingênuo a ponto de se identificar com a realidade, aceitando assim sua condição diante a dominação organizada, passa a fazer parte totalmente de uma sociedade dominadora, perde seu caráter subjetivo que antes encontrava possibilidade de realização na dimensão cultural e funda seus pés em uma dimensão de falsas necessidades.

A materialização da cultura superior e a cooptação pela realidade unidimensional dominadora impossibilitam o homem de recordar-se de sua condição dividida, de sua consciência infeliz, de sua posição frente às "falsas promessas", da divisão entre matéria e espírito. A substituição de uma racionalidade individual, onde os interesses reais do homem são tidos como prioridade, em favor de uma (ir) racionalidade tecnológica que impele os sujeitos a um modelo de pensamento que faz com que estes aceitem os ditames que lhes são apresentados.

Quando esse indivíduo recebe algo que "compensa" seu esforço, não percebe que sua existência é como um objeto manipulável. Com toda a estrutura de dominação, os sujeitos se encontram demasiado felizes em seus mundos particulares para não poderem ser perturbados pelas desigualdades sociais. Além disso, contribuem para a lógica do lucro e podem dormir tranquilos porque estão inseridos em um todo que lhes conforta com as promessas de felicidade. O sujeito conciliado com a realidade não consegue manter a tensão entre o individual e o social

³⁵ MARCUSE, Herbert: *Eros e Civilização*, p. 93.

³⁶O termo, "Quase total" é para ressaltar que ainda existem pequenos espaços de resistência e individualidade que não foram completamente absorvidos pelo sistema. Marcuse reconhece que, apesar do controle opressivo exercido pelo modo de produção e pela racionalidade científico-tecnológica, ainda há alguma margem de liberdade e espaço para ação individual. Portanto, ainda existem vestígios de liberdade e potencial subjetivo que não foram completamente erradicados pela Sociedade Industrial Avançada.

e, por se considerar consciente elimina as possibilidades de se lutar contra a alienação. "O povo, eficientemente manipulado e organizado, é livre; a ignorância e a impotência, a heteronomia introjetada, é o preço de sua liberdade"³⁷ A liberdade, ideologicamente difundida como possível a todos, não pode ser questionada, pois a maioria se sente participante dela.

Os interesses da civilização coincidem com os interesses individuais, ou seja, os desejos humanos de possuir e usufruir de lazer e diversão, nunca foram tão satisfeitos como agora. A liberalização é controlada, até mesmo o lazer torna-se programado, o simples fato de poder escolher e de ter inúmeras opções dadas pelo *status quo*, faz com que o sujeito sinta-se satisfeito. Nunca houve tanto consumo e opções que a indústria se esforça em proporcionar diversões e prazeres. Os dominados consideram naturais o estilo de vida de dominação, pois os verdadeiros fins ficam obscurecidos, portanto, como Pascal afirma: "nos impede de pensar em nós e nos perder insensivelmente"³⁸.

2.3 O Conceito de Dessublimação Repressiva na sociedade unidimensional

A Sublimação tem papel fundamental na civilização segundo Freud em *O Mal-Estar na Civilização*, deixando claro que as possibilidades de alcançar a felicidade sempre serão restringidas pela "nossa própria constituição", mas para afastar o sofrimento dessas restrições, defenderá a importância da sublimação:

A tarefa aqui consiste em reorientar os objetivos instintivos de maneira de que eludam a frustração do mundo externo. Para isso, ela conta com a assistência da sublimação dos instintos. Obtém-se o máximo quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual. Quando isso acontece, o destino pouco pode fazer contra nós. Uma satisfação desse tipo, como, por exemplo, a alegria do artista de criar, em dar corpo às suas fantasias, ou a do cientista em solucionar problemas ou descobrir verdades, possui uma qualidade especial que, sem dúvida, um dia podemos caracterizar em termos metapsicológicos. Atualmente, apenas de forma figurada podemos dizer que tais satisfações parecem 'mais refinadas e mais altas'.³⁹

Com a sublimação, o direcionamento do objeto é modificado, onde primeiramente seria sexual, posteriormente encontra satisfação em uma realização não sexual, uma renúncia em prol de uma participação adiada para realizações culturais, artísticas ou científicas, necessário para que o indivíduo se torne apto para viver em sociedade. Ainda para Freud, a sublimação possui

³⁷ Ibidem, p.14.

³⁸ PASCAL, B: *Pensamentos*, p. 171

³⁹ FREUD, Sigmund: *O Mal-Estar na Civilização*, p. 87.

um caráter repressivo, pois ao desviar do seu alvo primário ela atinge a possibilidade de exprimir-se socialmente, uma vez que a sociedade é repressiva.⁴⁰

Herbert Marcuse também não é indiferente, quando defende a sublimação na sociedade avançada contemporânea, pois ao menos o indivíduo sublimando poderia ter um escape, ou seja, uma “consciência da renúncia” diante a ordem social vigente, “, assim, a sublimação ao menos teria esse papel importante de renúncia.

Na sociedade industrial avançada as condições de sublimação são dificultadas e diminuídas, assim a energia instintual que seria canalizada pelo processo sublimatório se volta na forma de dessublimação que substitui a satisfação mediada pela imediata, esse é o processo que predomina nas regiões avançadas da sociedade contemporânea.

Em contraste com os prazeres da dessublimação ajustada, a sublimação preserva a consciência das renúncias que a sociedade repressiva inflige ao indivíduo, e assim preserva a necessidade de liberação. Na verdade, toda sublimação é imposta pelo poder da sociedade, mas a consciência infeliz desse poder já se rompe através da alienação. De fato, toda sublimação aceita a barreira social à satisfação pulsional, mas também transpõe essa barreira.⁴¹

O conceito de dessublimação repressiva é um dos mais importantes, elaborado por Marcuse para compreender o estado de dominação subjetiva do capitalismo avançado (racional e tecnológico) e a extrema manipulação dos indivíduos através de seus mecanismos na sociedade unidimensional. Se, por um lado, atua como possibilidade de uma maior liberdade, por outro atua como subproduto do controle repressivo. Controlando os indivíduos, tanto corpo, quanto mente, essa dessublimação repressiva apresenta a satisfação como uma promessa de maneira imediata, por meio de seus mecanismos de dominação, já que as condições de sublimação são dificultadas por um caráter irracional de racionalidade instrumental.

Se, com o princípio de desempenho, o corpo e mente passam a ser instrumentos do trabalho alienado, com a dessublimação repressiva não se torna diferente. O homem não pode ser deixado só sequer um minuto, a todo momento, ele deve ser programado e orientado conforme as falsas necessidades que o *establishment* oferece.

O controle básico do tempo ócio é realizado pela própria duração do tempo de trabalho, pela rotina fatigante e mecânica do trabalho alienado, o que requer que o lazer

⁴⁰ A sublimação do instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possíveis as atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada. Se nos rendêssemos a uma primeira impressão, diríamos que a Sublimação constitui uma vicissitude que foi imposta aos instintos de forma total pela civilização. (Freud, S. O Mal-Estar da Civilização, p. 105)

⁴¹ MARCUSE, Herbert: *O Homem Unidimensional: Estudos da Ideologia da Sociedade Industrial Avançada*, p.79.

seja um relaxamento passivo e uma recuperação de energias para o trabalho. Só quando se atingiu o mais recente estágio da civilização industrial, quando o crescimento de produtividade ameaça superar os limites fixados pela dominação repressiva, a técnica de manipulação das massas criou então uma indústria de entretenimentos, a qual controla diretamente o tempo de lazer, ou o Estado chamou a si diretamente a execução de tal controle. Pois se tal acontecesse como apoio de uma inteligência livre e consciente das potencialidades de libertação da realidade da repressão, a energia libidinal do indivíduo, gerada pelo id, lançar-se-ia contra as suas cada vez mais extrínsecas limitações e esforçar-se-ia por abranger, uma cada vez mais vasta área de relações existenciais, assim arrasando o ego da realidade e seus desempenhos repressivos.⁴²

O indivíduo passa a se identificar com o *status quo*, tem suas satisfações supridas por uma dominação organizada “ O universo do *status quo*, além do simples aliciamento de cidadãos com seu poder fabuloso de criar condições externas, promove meios para satisfazer a interioridade”⁴³. Assim prevalece um forte elemento da Dessublimação Repressiva, onde há conservação do *establishment* que é a Consciência Feliz.

2.3.1 A Prevalência da Consciência Feliz na sociedade unidimensional

Como as condições do indivíduo de sublimar são dificultadas pelo aparato por meio de mecanismos, a energia instintual se volta para o sujeito na forma de dessublimação repressiva. O homem participante dessa sociedade administrada comporta-se e contribui para uma consciência feliz e não percebe o quanto é manipulado e submisso. Essa consciência feliz é fundamentada na crença de que o que é real é racional, cito Marcuse:

Isso reflete a crença de que o real é racional e que o sistema estabelecido, a despeito de tudo fornece bens. As pessoas são levadas a encontrar no aparato produtivo o agente efetivo de pensamento e ação ao qual seus pensamentos e ações pessoais podem e devem ser submetidos. E nessa transferência, o aparato também assume o papel de um agente moral. A consciência é absorvida pela reificação, pela necessidade geral das coisas.⁴⁴

A tamanha liberdade oferecida pela sociedade afluenta torna o indivíduo ainda mais preso às gratificações oferecidas, eliminando qualquer tipo de autonomia ou oposição.

Mas não importa o quão controlada possa ser a mobilização da energia pulsional (o que as vezes equivale a uma gestão científica da libido), não importa o quanto isso possa servir para sustentar o status quo - é também gratificante para os indivíduos administrados, assim como correr de lancha, manejar o cortador da grama, dirigir um automóvel de alta velocidade.⁴⁵

⁴² MARCUSE: *Eros e Civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*, p. 60

⁴³ GADANHA, A.D. Subjetividade, dissociação não presumida na compreensão dialética de Marcuse.

⁴⁴ MARCUSE: *O Homem Unidimensional: Estudos da Ideologia da Sociedade Industrial Avançada*, p. 103.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 100.

Aldous Huxley, em “*Admirável Mundo Novo*”, explora e sugere que o controle pelo prazer e pela satisfação das necessidades humanas pode ser uma estratégia mais eficaz para manter a estabilidade social do que o controle pelo terror e pela opressão. No entanto, ele também questiona o preço da conformidade total e da renúncia à liberdade individual em troca de uma felicidade superficial e controlada. Em “*Admirável Mundo Novo*”, as pessoas são condicionadas desde o nascimento para aceitar seu lugar na sociedade e buscar a felicidade por meio do consumo de bens, prazer sexual e a ausência de preocupações. Em contraste, regimes totalitários, como a Gestapo durante o regime nazista na Alemanha, confiavam na repressão, no medo e na intimidação para manter o controle sobre a população. A Gestapo era uma organização de polícia secreta que perseguia, prendia e torturava aqueles que eram considerados uma ameaça ao regime. Esse tipo de controle era caro em termos de recursos e pessoal, além de gerar resistência e ressentimento por parte da população.

Na sociedade industrial avançada a dessublimação repressiva, revela sua verdadeira face e sua função conformista através de seus mecanismos de controle “ A luz da função cognitiva desse modo de sublimação, a dessublimação desenfreada na sociedade industrial avançada revela a sua função verdadeiramente conformista”.⁴⁶

O Superego, ao censurar o inconsciente e implantar o consciente, também censura o censor por que a consciência desenvolvida registra o ato perverso proibido não apenas no indivíduo, mas também em sua sociedade. Inversamente, a perda da consciência, devido às liberdades satisfatórias garantidas por uma sociedade não-livre, contribui para uma consciência feliz que facilita a aceitação dos males desta sociedade. É o sinal do declínio da autonomia e compreensão.⁴⁷

É importante ressaltar que a perda da individualidade do homem, não é forçada, mas o mesmo se torna tão gratificado pela racionalidade em que vive que não percebe por que deveria se opor a ela. Afinal, a consciência feliz desfruta de uma harmonia social compensadora. Portanto, não faz sentido renunciar às satisfações que o *status quo* oferece. Pelo contrário muitos se tornam seus defensores, contribuindo para um estado geral de contentamento. Nessa realidade estabelecida, “ exige a interiorização de suas regras, pois, aquele que não as interiorizar corre o risco de ver-se a si mesmo como incompetente, anormal, a-social, como detrito e lixo”.⁴⁸ O medo torna-se um cimento social para o controle na sociedade industrial avançada, por medo o indivíduo torna-se conformado.

⁴⁶ Ibidem, p. 101.

⁴⁷ Ibidem, p. 100.

⁴⁸ CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*, p. 13.

Os que trabalham têm medo de perder o trabalho. Os que não trabalham têm medo de nunca encontrar trabalho. Quem não tem medo da fome, tem medo da comida. Os motoristas têm medo de caminhar e os pedestres têm medo de ser atropelados. Os civis têm medo dos militares, os militares têm medo da falta de armas, as armas têm medo da falta de guerras. É o tempo do medo. Medo da mulher da violência do homem e medo do homem da mulher sem medo. Medo dos ladrões, medo da polícia. Medo da porta sem fechaduras, do tempo sem relógios, da criança sem televisão, medo da noite sem comprimidos para dormir e medo do dia sem comprimidos para despertar. Medo da multidão, medo da solidão, medo do que foi e do que pode ser, medo de morrer, medo de viver.⁴⁹

Na sociedade tecnológica administrada, essas contradições são aplicadas e a infelicidade, está subjugada à consciência feliz. Tudo o que esta sociedade denomina se constitui fonte de exploração, gerando a busca de uma satisfação imediata. “O resultado é a atrofia dos órgãos mentais, impedindo-os de perceber as contradições e alternativas e, na única dimensão restante da racionalidade tecnológica, prevalece a Consciência Feliz”.⁵⁰

Em Hegel, tomar consciência da liberdade seria tomar consciência da necessidade de tornar-se homem livre, ou seja, liberdade seria consciência da necessidade de libertação, o que na sociedade unidimensional não acontece, pois, os indivíduos estão sob quase total controle.

Marcuse em *O Homem Unidimensional* irá esclarecer que a consciência só é livre apenas na luta como oposição contra a sociedade estabelecida. Na sociedade unidimensional a consciência é não-livre, pois está determinada pela exigência e interesse do *status quo*.

Enquanto processo histórico, o processo dialético envolve a consciência: reconhecimento e apreensão de potencialidades libertadoras. Portanto, envolve liberdade. Na medida em que a consciência é determinada pelas exigências e interesses da sociedade estabelecida, ela é “não-livre”; na medida em que a sociedade estabelecida é irracional, a consciência torna-se livre para a mais alta racionalidade histórica somente na luta contra a sociedade estabelecida.⁵¹

Se o homem não conseguir passar da consciência falsa para a verdadeira, da necessidade imediata (dessublimação repressiva) para a necessidade verdadeira, sempre estará determinado a seguir conforme as exigências e gratificações da sociedade afluenta.

O fato de que a ampla maioria da população aceite e seja levada a aceitar essa sociedade não a torna menos irracional e menos repreensível. A distinção entre verdadeira e falsa consciência, interesses reais e imediatos é ainda significativa. Mas essa própria distinção deve ser validada. Os homens devem chegar a vê-la e a encontrar o caminho da falsa consciência para a verdadeira, de seu interesse imediato para o interesse real. Eles só podem fazer isso se sentirem a necessidade de mudar seu modo de vida, de

⁴⁹ GALEANO, Eduardo. *O Medo Global, publicado em: De pernas pro ar- A Escola do Mundo ao Averso*.

⁵⁰ MARCUSE, Herbert: *O Homem Unidimensional: Estudos da Ideologia da Sociedade Industrial Avançada*, p. 103.

⁵¹ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional: Estudos da Ideologia da Sociedade Industrial Avançada*. 2015, p.213

negar o positivo, de recusar. É precisamente essa necessidade que a sociedade estabelecida administra para reprimir, na proporção exata em que ela é capaz de distribuir os bens em uma escala cada vez maior (...)⁵²

Dessa forma, prevalece a dessublimação repressiva, que não sublima e muito menos liberta, por mais que possa ampliar a liberdade, ao mesmo tempo, intensifica a dominação. O prazer torna-se rigidamente reduzido, pois somente com a intensificação da energia sexual, seria reduzido a necessidade de sublimação, somente fingindo satisfazer o impulso sexual, onde atua de forma mais excessiva.

2.3.2 Dessublimação Repressiva como um dos obstáculos dos agentes catalisadores

Com o crescimento das inúmeras falsas necessidades e atrativos oferecidos pela sociedade vigente para homens e mulheres, como forma de desestabilizar a classe trabalhadora, fazendo com que a mesma se identifique por todo aparato disponível, conseqüentemente, ocorre uma quase total dominação. O indivíduo aceita aquilo que lhe é oferecido, aceita a ordem estabelecida, sendo reduzido seu protagonismo na sociedade industrial que é de negação. No entanto, Marcuse não se limita apenas em apresentar as contradições presente no *status quo*, mas também compreende tendências libertadoras capazes de despertar o principal agente de negação da luta de classe⁵³. Como meio para se tornar novamente o proletariado revolucionário, Marcuse irá destacar a função dos “agentes catalisadores”, forças de oposição frente à realidade estabelecida, “assistimos, sim, a formação de grupos, ainda relativamente e fracamente organizados, os quais, em virtude da sua consciência e das suas necessidades, funcionam como catalisadores potenciais da revolta dentro das maiorias a que, pela sua origem de classe, pertencem.”⁵⁴

A tarefa dos catalisadores consiste em restituir mais uma vez o Eros revolucionário entre a classe trabalhadora, isto é, o desejo de união para a construção de uma sociedade qualitativamente diferente e melhor. Seu objetivo é fazer com que os trabalhadores se reconheçam novamente como sujeito revolucionário e identifiquem quem são seus verdadeiros inimigos e quais são seus reais interesses. Seu dever é descobrir as contradições da sociedade predominante e mostrar àquela classe as formas de dominação que os impedem de destruir a sociedade capitalista.⁵⁵

⁵² Ibidem. p. 34

⁵³ Herbert Marcuse não pretende negar a importância e nem o protagonismo do proletariado, o mesmo continua sendo o principal agente de negação do capitalismo, embora esteja em um estado semi-letárgico, com isso o autor, destacará a grande relevância dos grupos de minorias.

⁵⁴ MARCUSE: *Um Ensaio sobre a Libertação*, p 74.

⁵⁵ IVO, Rene., no seu artigo *Os catalisadores e suas formas de resistência e luta na teoria crítica de Herbert Marcuse*. 2017, p. 101.

Para o filósofo berlinense, esses grupos excluídos da sociedade fluente, como negros do “Black Power”, movimento “hippie”, estudantes e movimento de mulheres, juntamente com o proletariado, podem ser a “Grande Recusa”, são as massas revolucionárias. O potencial revolucionário desses movimentos é necessário para ocorrer grandes transformações da realidade estabelecida, uma ação revolucionária. Tais ações não se limitam a manifestações ou protestos, mas vão além. Podemos citar, por exemplo, a influência da militância de Malcolm X a partir de 1964, provavelmente foi uma das primeiras grandes lideranças dos EUA a se posicionar publicamente contra a guerra do Vietnã, denunciada por ele, como uma guerra racista e imperialista. Ele pregava a luta armada em legítima defesa, uma violência considerada necessária, o que levou a conflitos armados entre polícia e negros “radicais” nas ruas. Em uma democracia conservadora o discurso contra a violência, é visto como uma defesa a ordem e segurança das pessoas. Além disso, é mais vantajoso, nessa democracia, que o sujeito seja apenas um telespectador dos acontecimentos do que se opor a posicionamentos que o prejudicam, abafando assim as contradições. Um aparente liberalismo antiviolência se apresenta cheio de contradições no estado, na polícia pacificadora, no sistema como um todo.

A violência e a repressão só são defendidas por governos democráticos, totalitários, apenas quando lhes convém, para manter a ordem e a tranquilidade. Eles oprimem, batem, destroem o que for contrário aos seus ideais. Nada mais violento do que o discurso proclamado pela direita sobre a tolerância, favorecendo uma tolerância repressiva ou nada mais violento do que o discurso atual sobre a igualdade, que por trás não tem interesse em abolir o sistema patriarcal, mas sim fortalece-lo ainda mais.

Marcuse irá diferenciar dois tipos de violência, uma violência revolucionária praticada pelos oprimidos e uma reacionária praticada pelos opressores. A verdadeira violência está presente na sociedade avançada: mesmo nos centros de civilização adiantados, a violência realmente predomina: é praticada pela polícia, nas prisões, nos asilos de alienados, na luta contra as minorias raciais. Essa violência realmente gera a violência. Defensor feroz de uma violência revolucionária das classes oprimidas, uma violência libertadora, o filósofo dirá: “Quando as minorias empregam a violência, não dão início a uma nova cadeia de violência, e sim tentam suprimir a existente”⁵⁶.

Os dominantes temem esse tipo de reação, pois abalam o *status quo* e causam desconforto. As minorias, como uma parte da população tornada invisível, propondo afirmar sua existência através da violência revolucionária como um grito para a sociedade para avisar que eles

⁵⁶ MARCUSE, Herbert: *Ensaio sobre Tolerância Repressiva*, p.107.

continuam vivos e agindo. A ordem democrática defende e propõe uma harmonia conciliadora mesmo diante de diferentes opiniões dos indivíduos, possibilitam uma convivência compensadora, fazendo com que muitas vezes prevaleça ideias conservadoras, tudo em favor de uma ordem. Segundo Marcuse a tolerância em uma democracia totalitária torna-se instrumentalizada, prevalece assim um pensamento unidimensional, mesmo todos podendo se expressar são manipulados por opiniões engessadas, ocorrendo uma absorção do negativo pelo positivo, uma tolerância do pensamento positivo. Porém, o filósofo defende um pensamento autônomo que o indivíduo seja capaz de escolher quais são as verdadeiras e falsas informações.

Com a instrumentalização da tolerância em uma democracia liberal, passa a valer o mesmo que significava no passado, a que fortalecia a tirania e que atualmente favorece a volta de valores tradicionais, reforçando o controle dos indivíduos e deixando-os inertes por meio de uma democracia totalitária, que propaga uma liberdade de opinião, cito Marcuse: “ nesse caso, a liberdade (de opinião, de assembleia, de expressão) é mais um instrumento para absorver a servidão”.

Se antes a tolerância deveria ser uma força de oposição, hoje ela torna-se forma de aceitação do que está estabelecido, assim o domínio torna-se mais intenso sob os indivíduos, que se veem conformados, prevalecendo uma consciência feliz, ou seja, o tolerar passa a ser omissão e até mesmo satisfação diante do estabelecido. Marcuse afirma em seu *Ensaio sobre a Tolerância Repressiva*: “A tolerância é estendida às políticas, às condições e aos modos de comportamento que não deveriam ser tolerados porque eles estão impedindo, se não destruindo, as chances de se criar uma existência sem medo e miséria.” A tolerância muda seu real sentido e perde sua autonomia diante do *status quo*, o indivíduo é manipulado e doutrinado por um sistema que lança opiniões já aceitas e repetidas pelos dominados.

Marcuse então define como tolerância repressiva a falsa tolerância presente em uma sociedade também repressiva que acarreta um compromisso com o *status quo*. No entanto, o filósofo defende a substituição por uma tolerância libertadora. Para isso, o indivíduo deve ser livre da falsa consciência que lhe é imposto. O indivíduo, para tornar-se verdadeiramente autônomo, livre de exigências repressivas, deverá restabelecer uma reflexão e a negação do estabelecido diante de uma administração totalitária. Há uma anedota bem conhecida em que um oficial alemão visitou Picasso em seu estúdio em Paris durante a Segunda Guerra Mundial. Chocado com o “ caos” vanguardista de Guernica, perguntou a Picasso:

Foi você que fez isto?”. Ao que Picasso replicou, calmamente: “ não, isto foi feito por vocês!”. Atualmente, muitos liberais, ao serem confrontados com explosões violentas com as desordens de 2005 nos subúrbios de Paris perguntam aos poucos esquerdistas que ainda apostam numa transformação social radical: “ não foram vocês

que fizeram isto? É isto que vocês querem?”. E nós deveríamos responder, como Picasso: “ não, foram vocês que fizeram isto! Este é o verdadeiro resultado da sua política!”⁵⁷

Torna-se essencial refletirmos sobre algo tão atual diante de grandes mudanças e até mesmo retrocessos na sociedade brasileira, onde as maiores vítimas são as classes mais pobres, os trabalhadores, as minorias, etc. Essas são potências libertadoras que, para se libertarem das algemas do conformismo devem agir e contestar diante do estabelecido.

Marcuse entende que a filosofia tinha a obrigação de se aliar à luta dos movimentos sociais, pois este é o grande papel da filosofia: ajudar a mudar o mundo. Todos os seus escritos são textos que buscam os meios e as possibilidades de transformação social. O autor frankfurtiano, foi um dos poucos pensadores atentos aos movimentos civis que estavam surgindo, especialmente os movimentos da década de 60 do século passado nos Estados Unidos: o movimento feminista, o movimento negro, assim como também o movimento estudantil.

Para Marcuse, os intelectuais deveriam estar na linha de frente das lutas e greves, juntamente com os estudantes e os operários. O autor Frankfurtiano já palestrou para inúmeros estudantes, visitou Paris e Berlim no auge dos protestos organizados pelos movimentos estudantis e a imprensa francesa se referia a ele como o “ídolo dos estudantes rebeldes”. Em uma de suas correspondências com Adorno durante a rebelião de 68, defende a importância do movimento estudantil naquela conjuntura específica, contrapondo-se ao posicionamento político inclusive de colegas seus frankfurtianos, particularmente o de Adorno, que chegou a chamar a polícia para dispersar os estudantes, frente aos protestos estudantis, “se as alternativas são a polícia ou estudantes de esquerda, então eu estou com os estudantes... eu ainda acredito que nossa causa... é melhor conduzida pelos estudantes radicalizados do que pela polícia.”⁵⁸

Marcuse assim propõe uma possibilidade de existência de uma nova sociabilidade, que só será possível se desenvolver a partir de uma nova sensibilidade, transformando a sexualidade em Eros, pressupõe uma libertação instintiva, ou seja, ativar os antigos estágios da libido, como o autor diz: “uma nova relação entre instinto e razão”⁵⁹.

Um dos agentes catalisadores que, segundo Marcuse, pode contribuir para uma mudança radical entre instinto e razão, para o desenvolvimento de uma “consciência radical” e a recusa

⁵⁷ ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. 2014, p 23

⁵⁸ <http://planeta.clix.pt/tadorno16.htm> Jornal "Folha de São Paulo", domingo, 24 de agosto de 1997. As cartas reproduzidas pertencem ao Arquivo Herbert Marcuse de Frankfurt. Foram cedidas pela revista "praga" (Ed. Hucitec, tel. 011/530-4532). Tradução: Isabel Maria Loureiro.

⁵⁹ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional: Estudos da Ideologia da Sociedade Industrial Avançada*. 2015, p.174.

da ordem social existente, é o movimento de mulheres, que iremos desenvolver mais propriamente no próximo capítulo. Por influência de Angela Davis, o autor vai se aprofundar sobre como o movimento feminino pode ser a resposta para a possibilidade de existência de uma nova sociabilidade.

Durante todo capítulo, é perceptível como o predomínio da dessublimação repressiva na sociedade industrial avançada, reforça ainda mais o patriarcado, ambos perpetuam formas de poder opressivas. Observamos, desde o mito freudiano, a conexão entre a dinâmica familiar descrita por Freud e as estruturas de poder patriarcais, como um reflexo das normas patriarcais, onde o pai é visto como a figura de autoridade dominante na família. Assim como também o padrão de pensamento e comportamento na sociedade vigente, juntamente com a manipulação das necessidades dos indivíduos reforçam não apenas uma sociedade unidimensional, mas que categoriza os indivíduos a partir de uma estrutura hierárquica que se concentra principalmente nas mulheres. Podemos perceber essa relação na concentração de riqueza e recursos nas mãos de poucos, beneficia predominantemente homens brancos, enquanto as mulheres frequentemente enfrentam desigualdades salariais, discriminação no local de trabalho e dificuldades econômicas. No controle sobre o corpo das mulheres, assim como na comercialização do feminismo, no consumismo e ao reforçar os papéis femininos, ao promover estereótipos de gênero, ao incentivar a busca por satisfação individual por meio do consumo.

O capitalismo atual tem sido historicamente moldado por normas e valores patriarcais, reforçando o poder e a exploração, frequentemente exercidos por valores masculinos. O capitalismo não é neutro em termos de gênero, mas sim construído em torno de uma ideia de masculinidade que promove hierarquias de gênero. Esse sistema econômico, se beneficia e reforça, não apenas as características masculinas, mas também uma sociedade unidimensional do gênero masculino. Por isso, para Davis, “feminismo envolve muito mais do que a igualdade de gênero. E envolve muito mais do que gênero. O feminismo deve envolver a consciência em relação ao capitalismo (...)”, essa consciência do capitalismo, também é contra o patriarcado.

3 CAPÍTULO II: A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO CORPO FEMININO NA PRESERVAÇÃO DA SOCIEDADE PATRIARCAL CAPITALISTA

*A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma, prisão do corpo.
Michel Foucault, Vigiar e punir.*

3.1 O prazer torna-se ajustado.

Percebe-se, em Marcuse a partir da obra *Eros e Civilização*, que a sexualidade tem papel central em sua teoria crítica social, o que, por muito tempo, foi um tema marginalizado pela filosofia tradicional. Como poucos filósofos, Marcuse percebe a questão da sexualidade como um terreno de disputa e controle sobre os indivíduos. A sexualidade, no âmbito da crítica social, em Marcuse, terá grande influência freudiana, o filósofo baseia-se alguns conceitos psicanalíticos.

A sexualidade em Freud não é tratada unicamente em relação à genitália ou o ato sexual, aproximando-se de algo mais amplo, uma função corpórea mais abrangente. Freud, em seu livro *Os Três ensaios Sobre a Sexualidade*, deixa bastante claro que a função sexual está presente desde o início da vida do indivíduo, ainda na infância. Tendo como base Freud, a sexualidade trabalhada por Marcuse mostra-se central para compreender as dinâmicas sociais de um princípio de realidade estabelecido, que aprisiona os indivíduos por meios de suas próprias satisfações. O desempenho erótico dos indivíduos torna-se alinhado com o desempenho social; “essa sociedade transforma tudo o que toca em uma fonte potencial de progresso e exploração, de escravidão e satisfação, de liberdade e de opressão. A sexualidade não é uma exceção.”⁶⁰ A partir disso, o autor alertará sobre o uso da sexualidade ligada exclusivamente ao erótico, ou seja, ligada exclusivamente as genitálias na sociedade contemporânea avançada, como meio de controle sobre os indivíduos.

Os interesses de dominação e os interesses de todos coincidem. Se há satisfação das necessidades do indivíduo, o mesmo não tem por que renunciar o oferecido, mesmo que perca sua autonomia. Pela liberalização controlada, o desempenho erótico é alinhado com o desempenho social. As atenções se concentram exclusivamente nas genitálias, deixando o resto do corpo livre, mas para ser utilizado como instrumento de trabalho, nada, além disso. Essa des-sублиmação repressiva, toma conta na sociedade industrial avançada. Com a sexualidade centrada em torno do ato sexual, não no Eros, unicamente para procriação, o princípio de realidade

⁶⁰ Ibidem, p. 102.

controla ainda mais o princípio de prazer, fazendo com que a sexualidade perca seu caráter emancipatório.

Na “sociedade industrial avançada”, o indivíduo, conciliado com a realidade capitalista, termina por identificar-se com o *status quo*, devido às suas satisfações serem supridas por uma democracia administrada. A partir do princípio de desempenho, ocorre uma intensificação do controle, por meio de uma produção lucrativa em favor de uma liberalização sexual controlada, no que Marcuse chamou de dessublimação repressiva. As palavras liberdade, prazer e felicidade, perdem seu real sentido e valor, tornam-se meros instrumentos de uma racionalidade irracional. Isso faz com que prevaleça um universo fechado, mantendo comportamentos, linguagens e pensamentos unidimensionais. Os indivíduos, manipulados pelas satisfações e falsas necessidades promovidas pelo *status quo*, perdem sua autonomia individual e se sentem parte do sistema, pertencentes a uma liberdade que, assim, se torna satisfatória, pois aniquila qualquer tipo de oposição ao que está estabelecido.

Na sociedade industrial contemporânea há uma crescente dessublimação, nos costumes sexuais e comportamento sexual, nas relações sociais e na cultura, que por muito tempo foi reprimido. Hoje, na sociedade, é liberado e até mesmo incentivado. A sexualidade torna-se uma atração comercial.

Hoje, comparada com a dos períodos puritano e vitoriano, a liberdade sexual aumentou indiscutivelmente (embora uma reação contra a década de 1920 possa claramente observar-se). Ao mesmo tempo, porém, as relações sexuais passaram a estar muito assimiladas com as relações sociais; a liberdade sexual harmoniza-se com o conformismo lucrativo.⁶¹

O corpo torna-se o principal destino do controle civilizatório, submetido a regras e tabus. Se sexualidade, que antes era reprimida nas sociedades pré-tecnológicas, hoje é liberalizada, essa liberalização é percebida pelos indivíduos como liberdade, focada estritamente na genitália. Trata-se de uma dessexualização socialmente necessária do corpo, assim age a dessublimação.

Ora, nas sociedades tecnológicas avançadas do Ocidente existe de fato uma crescente dessublimação (em comparação com estágios anteriores) nos costumes sexuais e no comportamento sexual, nas relações sociais, no acesso a cultura (a cultura de massa sendo alta cultura dessublimada). A moral sexual liberalizou-se em grande medida; além disso, a sexualidade é promovida como atração comercial, como mercadoria e símbolo de status.⁶²

⁶¹ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*, p.95

⁶² MARCUSE, Herbert. Conferência pronunciada em 1963, em Nova York, na reunião anual da American Political Science Association, com o título “*Obsolescence of psycho-analysis*”. Tradução de Isabel Maria Loureiro.

A Dessublimação institucionalizada⁶³ dispõe de meios para a realização da sensualidade o que “ parece ser então um aspecto da conquista da transcendência realizada pela sociedade unidimensional”²⁴. Com o relaxamento dos tabus sexuais, há um reforço sobre o controle da consciência. A sexualidade é incentivada, e tal controle não se limita apenas à mente, mas também ao corpo, que passa a ser considerado sujeito-objeto de prazer, ditado pela indústria, como um mero instrumento. Segundo Marilena Chauí, destacam-se os objetivos da repressão sexual e, ao mesmo, tempo dessa liberalização:

Desde que o mundo é mundo, seres humanos e animais são dotados de corpos sexuais e as práticas sexuais obedecem a regras, exigências naturais e cerimônias humanas (...) [a repressão sexual] pode ser considerada como um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidas histórica e culturalmente para o exercício da sexualidade (...). As proibições e permissões são interiorizadas pela consciência individual, graças a inúmeros procedimentos sociais (como a educação, por exemplo) e também expulsas para o longe da consciência, quando transgredidas, porque, neste caso, trazem sentimentos de dor, sofrimento e culpa que desejamos esquecer ou ocultar.⁶⁴

Com a intensificação da sexualidade genital repressiva, ela é incorporada no ambiente de trabalho (torna-se mais informal e sexy), na propaganda e nos meios de comunicação em massa. Essa sexualidade passa a ser investigada e tratada como mais uma mercadoria, perdendo, assim seu real valor de verdade.

Sempre tem sido observado que a civilização industrial avançada opera com um grau maior de liberdade sexual- “ opera” no sentido de que está se torna um valor de mercado e um elemento dos costumes sociais. Sem deixar de ser um instrumento de trabalho, ao corpo é permitido exibir seus atributos sexuais no mundo do trabalho cotidiano e nas relações de trabalho. Essa é uma das únicas realizações da sociedade industrial- tornada possível pela redução da sujeira e do trabalho físico pesado; pela disponibilidade de roupas baratas e atrativas, pelo cultivo da beleza e da higiene física; pelas exigências da indústria da propaganda etc. As atrativas secretárias e vendedoras, o executivo jovem e viril e o supervisor atraente são mercadorias altamente vendáveis, e a posse de amantes adequadas- outrora prerrogativa de reis, príncipes e lordes- facilita a carreira até mesmo dos postos mais modernos do mundo dos negócios.⁶⁵

A problemática apontada por Marcuse aponta na dessublimação institucionalizada é a ausência de mediação proporcionada por todo o aparato. Com essa dessublimação controlada e vigiada, prevalece a manipulação da consciência; ao descarregar a libido, o indivíduo se conforma com a situação e não percebe a necessidade de questionar. Assim, a sublimação não se

⁶³ Marcuse, em *O Homem Unidimensional*, irá utilizar o termo “ institucionalizada” para também se referir a dessublimação na sociedade industrial avançada.

⁶⁴ CHAUI, Marilena. 1991, *Repressão sexual*. P, 9-10.

⁶⁵ MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional: Estudos da Ideologia da Sociedade Industrial Avançada*. 2015, p.69.

faz mais necessária, uma vez que não condiz com as necessidades do capital. O Eros é fragilizado no *status quo*, perdendo seu caráter emancipatório.

Mas nessa forma de liberação a energia libidinal muda sua função social: na medida em que a sexualidade é sancionada e até encorajada pela sociedade (não oficialmente é claro, mas através dos costumes e modos de comportamento considerados “normais”), ela perde a qualidade que, segundo Freud, é sua qualidade erótica essencial, a saber, o elemento de emancipação no que se refere ao social.⁶⁶

O uso do conceito “obsceno” na sociedade industrial avançada acaba sendo alterado. Marcuse destaca em suas obras, *Contra-revolução e Revolta* e *Um Ensaio para a Libertação*, que a obscenidade, na sociedade unidimensional, perde seu verdadeiro significado, perde seu real sentido para poder unificar com a realidade estabelecida. Isso favorece ainda mais a dessublimação repressiva, como o autor demonstra em *Contra-revolução e Revolta*:

Uma outra forma de rebelião linguística é o uso sistemático de “obscenidades”. Eu sublinhei o seu suposto potencial revolucionário (em *Na Essay on Liberation*, pág. 35); hoje, esse potencial já é ineficaz. Usada na comunicação com o “Establishment”, que pode muito bem permitir-se a “obscenidade”, essa linguagem deixou de identificar o radical, aquele que não pertence. Além disso, a linguagem obscena padronizada é dessublimação repressiva: satisfação fácil (embora indireta) da agressividade. Volta-se facilmente contra a própria sexualidade.⁶⁷

Em *Um Ensaio para Libertação*, Marcuse instiga ainda mais para a contradição que a obscenidade coloca e está diretamente ligada à esfera sexual, apresentando-se de forma distorcida. O que era antes obsceno não é mais, por mais que possa violar os tabus, não causa mais vergonha diante de uma sexualidade desenfreada. Assim, esclarece a verdadeira obscenidade na sociedade unidimensional.

A obscenidade é um conceito moral no arsenal verbal do establishment, que insulta o termo ao aplica-lo não a respeito da sua própria moralidade, mas de outra. Obscena não é a gravura de uma mulher nua que expõe os pelos do púbis, mas a de um general completamente vestido que exhibe as suas medalhas de recompensa numa guerra de agressão; obsceno não é o ritual dos hippies, mas a declaração de alto dignitário da Igreja de que a guerra é necessária para a paz.⁶⁸

Slavoj Zizek, vai destacar o incentivo exacerbado da satisfação dos prazeres sexuais na sociedade capitalista:

⁶⁶ MARCUSE, Herbert. Conferência pronunciada em 1963, em Nova York, na reunião anual da American Political Science Association, com o título “Obsolescence of psycho-analysis”. Tradução de Isabel Maria Loureiro

⁶⁷ MARCUSE, Herbert: *Contra-Revolução e Revolta*. p. 82

⁶⁸ MARCUSE, Herbert: *Um Ensaio para Libertação*. p.20

Durante muito tempo, porexemplo, os libertários sexuais acreditaram que a repressão sexual monogâmica era necessária para a sobrevivência do capitalismo- hoje sabemos que os capitalistas não só toleram, como às vezes incitam e exploram ativamente formas de sexualidade “ perversa”, sem mencionar a satisfação promiscua nos prazeres sexuais. A conclusão a que devemos chegar não é, no entanto, que o capitalismo tem a capacidade infindável de integrar, e assim tolher, o vigor subversivo de todas as demandas particulares- a questão do timing, do “ aproveitar o momento”, é crucial aqui. Uma demanda particular específica tem, em determinado momento, um poder detonador global; ela funciona como um substituto metafórico para a revolução global: se insistimos nela incondicionalmente, o sistema explodirá; se, no entanto, esperarmos tempo demais, o curto-circuito metafórico entre essa demanda particular e a derrocada global é dissolvido, e o Sistema pode, com uma satisfação hipócrita e sarcástica, fazer o gesto do “ não era isso que você queria? Aí está!”, sem que nada realmente radical esteja acontecendo.⁶⁹

Com essa hipersexualização, as propagandas, como “ aproveite o momento”, ou “ se liberte”, tornam-se mais frequentes, ou seja, é o prazer imediato incentivado pela sociedade afluenta. O alto investimento na indústria pornográfica, a nudez liberada, onde mostra-se o corpo perfeito, um cenário de entretenimento, propagandas e publicidade voltada ao prazer, despertando no indivíduo o sentimento de satisfação e prazer completo, sentindo-se realizado, mesmo que seja por um momento. Apesar das crises econômicas, sociais e políticas, comunicadas pelos meios de comunicação, o indivíduo parece estar inerte ou mesmo dopado em relação ao que está acontecendo. Mesmo diante de tudo isso, a área erótica não é afetada economicamente, pelo contrário, cresce ainda mais, parecendo ser o único meio de fuga. Nunca houve tamanha satisfação e tanto prazer disponível.

Ao não refletir sobre o modo de vida, as contradições ficam escamoteadas, prevalecendo a consciência feliz. Os sujeitos encontram-se demasiados felizes em seus mundos particulares para serem perturbados pelas desigualdades sociais. Além disso, contribuem para a lógica do lucro e podem dormir tranquilos, pois estão inseridos em um todo que os conforta com as promessas de felicidade. Essa *consciência feliz* está na promessa de que tudo o que é real também pode ser considerado racional, aplacando as possibilidades de crítica e refletindo o novo conformismo das sociedades capitalistas modernas. O sujeito, conciliado com a realidade, não consegue manter a tensão entre o individual e o social e por se achar consciente, elimina as possibilidades de se lutar contra a alienação. A liberdade, ideologicamente difundida como possível a todos, não pode ser questionada, pois a maioria se sente participante dela.

A sublimação, ao contrário da dessublimação, exige um alto grau de autonomia e compreensão; é a mediação entre o consciente e o inconsciente, entre os processos primários e secundários, entre o intelecto e a pulsão, a renúncia e a rebelião. Em suas mais realizadas formas,

⁶⁹ ZIZEK. S, Slavoj. Alguém disse totalitarismo?: cinco intervenções no (mau) uso de uma noção, p. 85

como na obra artística, a sublimação se torna a força cognitiva que derrota a supressão enquanto se inclina diante dela.

A dessublimação, que implica a remoção dos impedimentos para a realização imediata das pulsões, acarreta uma institucionalização desta da sexualidade. A dessublimação institucionalizada dispõe de meios para a realização da sexualidade condicionada aos fatores aceitos socialmente, cujo objetivo é manter a posição dominante sobre o povo. Podemos tomar como exemplo disso, o advento da revolução sexual que, através da evolução tecnológica dos métodos contraceptivos, ocasionou uma libertação das genitálias – não da sexualidade (o Eros) – o que é extremamente interessante para a sociedade dominante, já que, ao descarregar a libido, o sujeito se conforma com a sua situação e não a questiona.

Para Marcuse, a sublimação freudiana pode ser desdobrada em sublimação desrepressiva, na qual a pulsão é ampliada, e dessublimação repressiva, que implica uma retirada dos impedimentos das pulsões e a realização imediata dessas pulsões. Esta última é adotada pela sociedade dominante. Se a sublimação permitia um alto grau de consciência, de autonomia, entre o princípio do prazer e a necessidade de transposição dessa sociedade para uma existência mais feliz, a dessublimação opera no sentido oposto, na conciliação forçada entre renúncia e rebelião.

A dessublimação repressiva assim funcionalizada reduz a necessidade de oposição e até mesmo a suprime. Não é mais preciso perceber as contradições desta sociedade, nem mesmo exigir alternativas. Ela oferece uma liberação sob a tutela da repressão, um alívio para o corpo, que parece escapar por um tempo do trabalho alienado, gozando dos benefícios que a cultura de massas oferece. No entanto, essa liberação produz, na verdade, um corpo submetido à repressão, um instrumento de trabalho e de diversão em uma sociedade que se organiza contra sua própria liberdade. O corpo torna-se uma mercadoria apresentada entre outras tantas. Ele é tratado e explorado como uma mercadoria e como um órgão para consumir, sobretudo tirando proveito da aparente explosão sexual e liberação erótica na sociedade atual.

Marcuse nota que, por meio da sexualidade, se estruturam formas variadas de economia libidinal mediante as exigências do princípio de realidade. Nesse contexto, o filósofo identifica dois destinos possíveis para a sexualidade. O primeiro, reforçado pelo campo repressivo, faz da sexualidade um instrumento do princípio da realidade e suas instituições. O segundo coloca a sexualidade ao lado do princípio de prazer que, embora "destronado" pela nova ordem das pulsões, preserva-se sob a forma de sublimações ou de sintomas. Entre esses dois destinos, Marcuse reconhece a sexualidade como um terreno em disputa. Pode a sexualidade estar a serviço da repressão? Certamente, uma economia libidinal "mais-repressiva" pode recorrer aos seus

mecanismos de força, na medida mesma em que a sexualidade se submete a uma "organização repressiva" que opera sobre o corpo. Portanto, é também possível que todo o domínio sobre a sexualidade se reverta contra a gratificação desejada. Como afirma Marcuse, na história da civilização, a repressão básica e a mais-repressão são inextricavelmente entrelaçadas, e o progresso genital normal foi organizado de tal modo que os impulsos parciais (...) foram quase todos dessexualizados conforme as exigências de uma organização social específica da existência humana.

Marcuse não é defensor do conservadorismo ao critica a hipersexualidade no capitalismo tardio, mas sim, ele destaca como esse sistema utiliza meios que deveriam ser emancipatórios, mas agora se tornam subprodutos de controle sobre os indivíduos. Para o autor berlinense, uma maior liberdade sexual não representa uma maior liberdade erótica. O *Eros*, que deveria ter o caráter emancipador, no entanto, sob a influência da sociedade vigente (...) "a sexualidade torna-se um veículo para os best-sellers da opressão. (...)", ou seja, a dominação tem alcançado até mesmo o que, antes, seria condição de emancipação; o *Eros* passa a ter um caráter conformista, uma força repressiva sob o indivíduo. Com isso, chegamos a um questionamento: o *Eros* ainda possui valor emancipatório? Marcuse propõe uma possibilidade de existência de uma nova sociabilidade, de um novo homem que só será possível a partir de uma nova sensibilidade. A transformação de *Eros*, pressupõe uma libertação instintiva, ou seja, ativas os antigos estágios da libido.

Enquanto a sociedade unidimensional promove a manipulação repressiva dos instintos, para produzir consciências submissas ao princípio de desempenho, a possibilidade de se construir uma sociedade não-repressiva, segundo Marcuse, está na libertação pulsional, ou seja, na formação de consciências hostis a qualquer manipulação e capazes de estabelecer novas relações perceptivas com a realidade, "Eros, penetrando na consciência, é movido pela recordação; assim, protesta contra a ordem da renúncia" (MARCUSE, 1955, p. 201). A concepção da negação, da renúncia, torna-se primordial como superação interna e externa do sistema capitalista. Deixemos a questão do *Eros* com sua função emancipadora para o próximo capítulo, onde será tratado com mais atenção.

3.2 A percepção do corpo e da subjetividade da mulher na contemporaneidade.

Através da leitura das obras de pensadores da escola de Frankfurt, as questões minoritárias e emergentes entre eles, o movimento de mulheres, demoraram a aparecer e ainda sim,

não constituíram preocupação central. Na verdade, essas questões surgiam de forma fragmentada, pois havia mais interesse em analisar temas mais amplos. É perceptível o quanto o debate feminista, foi tão pouco aprofundado na teoria crítica da primeira geração da Escola de Frankfurt, uma vez que os ambientes eram dominados por homens brancos, heterossexuais e europeus.

Apesar disso, a questão feminina não caiu totalmente no esquecimento. Marcuse foi um dos poucos filósofos que de fato atuaram junto às lutas, um grande defensor e foi abraçado pelos movimentos que estavam surgindo na época, entre eles o movimento de mulheres. No artigo *Marxismo e Feminismo*, Marcuse acredita que o movimento das mulheres seria determinante para uma transformação social necessária, um movimento independente. “Acredito que o movimento de libertação da mulher, hoje, seja, talvez o mais importante e potencialmente, o mais radical movimento político que temos.”⁷⁰ Nesse sentido, Angela Davis destaca o engajamento do filósofo no movimento de mulheres:

Um Ensaio sobre Libertação, Contrarrevolução e Revolta, como também sua aula de 1974 na Universidade de Stanford sobre o “Marxismo e Feminismo” nos oferecem evidência de seus próprios esforços para se engajar diretamente com as ideias associadas com os movimentos daquele período. Sua referência para o “socialismo feminista” no seu último artigo previu a importante influência do feminismo anti-capitalista e anti-racista em diversos movimentos contemporâneos, incluindo os da abolição penal, das campanhas contra a violência policial e da justiça para pessoas com deficiência. Essa explícita dimensão utópica do pensamento de Marcuse atraiu jovens intelectuais e militantes durante a conjuntura histórica que associamos com os levantes de 1968.⁷¹

Para Marcuse, há um grande conflito entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, que determinam a sexualidade dos indivíduos na civilização. O domínio do princípio da realidade sobre o do prazer foi sinônimo de progresso, baseado decisivamente na produtividade. Marcuse ressalta que, para entender a sociedade, deve-se compreender a relação entre homem e mulher, que foi, por um longo processo, socialmente condicionado pela civilização. A diferença entre os estados de originalidade dos gêneros masculino e feminino é construída social e culturalmente. Esse processo reforça a sociedade de classes, responsável por um longo ciclo de opressão durante os períodos históricos, mantido por relações de dominador e dominado, uma vez que esse sistema se sustenta na exploração da classe trabalhadora e da mulher.

⁷⁰ MARCUSE, Herbert: *Marxismo e Feminismo*, p. 77

⁷¹ De Herbert Marcuse, Filósofo da Utopia: Uma Biografia Gráfica. Usado com permissão da City Lights Publishers. Copyright © 2019 por Nick Thorkelson. Prefácio © 2019 por Angela Y. Davis. Tradução de Andrey Santiago.

Com uma aparente liberdade que surge na sociedade unidimensional, como algo positivo, ocorre também um maior domínio, agora consentido. Com o predomínio do princípio de desempenho, a mulher é cada vez mais transformada em um objeto sexual, o corpo feminino torna-se uma lucrativa mercadoria, um corpo domesticável a ser vendido. Essas tendências, que podem parecer libertadoras para alguns, são o resultado de uma “camuflagem” reprodutiva do sistema patriarcal estabelecido, onde a mulher tem estado sujeita a uma repressão singular, manipuladora e exploradora.

É preciso entender, inicialmente, como se deu essa apropriação social do corpo feminino e como esse corpo foi sendo construído, com o auxílio da dessublimação repressiva, presente na sociedade unidimensional. Desde o nascimento, a mulher é uma presa, o corpo é utilizado como meio de reprodução, submisso ao homem e até mesmo ao Estado. Segundo Silvia Federici⁷² destacando que os corpos das mulheres constituíram os principais objetivos – lugares privilegiados – para a implementação das técnicas de poder e das relações de poder.⁷²

Durante séculos, a sensualidade e a sexualidade foram alvos de severa repressão, passando-se a imagem de que o corpo é a fonte do pecado. Especificamente, a sexualidade feminina permaneceu, por muito tempo, permaneceu limitada à procriação e manutenção da espécie. O objetivo da relação sexual era a reprodução. O mesmo não se aplicava aos homens, que podiam satisfazer seus desejos e fantasias com outras mulheres, sem condenação pela sociedade, ao contrário, eram estimulados. Desde a Idade Média, o imaginário de uma moça residia no fato dela ser domada, seguindo regras da moral e dos bons costumes. Nesse sentido sua sexualidade era controlada, casavam-se cedo, tornando-se responsável do marido, e seu único papel de maior importância era a procriação.

Embora seja uma conquista relativamente recente, o prazer sexual das mulheres, anteriormente considerado um tabu, passou por uma transformação histórica e contextual em diferentes sociedades, ou seja, o corpo e a subjetividade das mulheres continuam a ser moldados para se adequar a uma estrutura social opressiva. Isso refleti, segundo Marcuse, uma sociedade onde predomina “o domínio do homem pelo homem”⁷³, sob tutela da razão instrumental, científica e unidimensional.

No modo de produção capitalista, os homens foram designados prioritariamente para a produção e as mulheres para a reprodução (para o trabalho assalariado e para o trabalho doméstico). Assim, a temática do trabalho doméstico é uma questão importante para a manutenção da opressão de gênero.

⁷² FEDERICI, Silvia: *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*, p. 32.

⁷³ MARCUSE, Herbert: *Eros e Civilização*, p.27

Lênin falou e escreveu repetidas vezes sobre a necessidade de socializar o trabalho doméstico, descrevendo-o como o mais improdutivo, o mais selvagem e o mais árduo trabalho que a mulher pode fazer. Sem poupar adjetivos duros, escreveu que o trabalho doméstico banal esmaga e degrada a mulher, a amarra à cozinha e ao berçário onde ela desperdiça seu trabalho em uma azáfama barbaramente improdutivo, banal, torturante e atrofiante.⁷⁴

Na tentativa de explicar como a estrutura econômica e social se desenvolveu de forma desigual para homens e mulheres, ressaltando ainda que o conflito mais antigo, não seria entre proletariado e burguesia, mas entre homens e mulheres. Podemos citar o casamento e a família como instituições precursoras desse conflito e da opressão de gênero e manutenção dos papéis sociais da mulher. Para Wilhelm Reich o casamento tem três funções sociais: econômica, política e social. Na social, o autor ressalta:

Social: Para a sociedade patriarcal, a dependência material da mulher e dos filhos é típica. Secundariamente, o casamento assim se torna uma defesa material e moral (moral no sentido dos interesses patriarcais) da mulher e dos filhos. Consequentemente, todas as fases da sociedade patriarcal têm que ater-se ao casamento compulsório. Aqui não se trata de estabelecer se o casamento é bom ou mau, mas se e socialmente justificado e necessário. Por isso não se pode desejar aboli-lo na sociedade em que o casamento tem raízes econômicas; pode-se apenas “44eforma-lo” sem mexer no principal, por exemplo, fazendo valer depois de dez anos o princípio da incompatibilidade, em lugar do da culpabilidade, depois de longos debates, como motivo para divórcio.⁷⁵

Já Friedrich Engels aponta a família monogâmica como a instituição e aponta que o capitalismo só permitiu a libertação das mulheres, uma vez que as envolve no sistema de produção social, uma dívida que deverá ser paga com uma dupla exploração. Mesmo que as mulheres tenham avançado com a participação na vida pública, no trabalho ou política, a necessidade da entrada das mulheres nos setores da sociedade é uma contradição que não tem solução nos marcos do capitalismo.

A primeira divisão do trabalho é que se fez entre homem e a mulher para a procriação dos filhos.” Hoje posso acrescentar: o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino.⁷⁶

Assim como Angela Davis em seu artigo *As Mulheres e o Capitalismo*, quando diz “no que respeito à produção, as mulheres experimentam uma dupla inferioridade”⁷⁷, Marcuse chama atenção para essa uma dupla exploração da mulher, como dona de casa, mãe e agora

⁷⁴ GOLDMAN, Wendy: *Estado, Mulher e Revolução: política familiar e vida social soviéticas*, p.23.

⁷⁵ REICH, Wilhelm. *A Revolução sexual*. 1968. p, 166

⁷⁶ ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, p. 79.

⁷⁷ DAVIS, Angela: *As Mulheres e o Capitalismo*, p.163, tradução nossa.

fazendo parte do trabalho. O valor de uso, gerado pelo trabalho doméstico, está inteiramente apartado do aparato produtivo, o qual visa a criação de valor de troca. Do ponto de vista da produção, as mulheres experimentam uma inferioridade dupla, executando tarefas privadas fora do âmbito produtivo e também monopolizam o trabalho não reconhecido pela sociedade capitalista. A dupla exploração da mulher na sociedade capitalista é agravada quando consideramos, as múltiplas formas de opressão que as mulheres enfrentam devido a fatores como raça, classe, orientação sexual, entre outros. No contexto específico da mulher negra, essa exploração é ampliada ainda mais, ela muitas vezes realizava papéis de trabalho remunerado e não remunerado muito antes da ascensão do capitalismo moderno, enquanto também contribuíam para a economia de suas famílias. A mulher negra, enfrenta uma interseção de opressões: a discriminação de gênero e a opressão racial, além das estruturas socioeconômicas que historicamente as relegaram a papéis de trabalho mal remunerados e à margem do acesso igualitário a oportunidades educacionais e profissionais. Por muito tempo contribuem significativamente para a economia e para suas comunidades, desempenhando funções invisíveis ou subvalorizadas. Reconhecer essa história é fundamental para compreender como a dupla exploração se manifesta de maneira ainda mais acentuada para essas mulheres.

Dentro dessa perspectiva, essas reflexões nos levam a questionar e esclarecer algumas questões quando Marcuse diz no já mencionado texto *Marxismo e Feminismo*: “as mulheres não são uma classe no sentido marxiano”⁷⁸. Uma crítica comum a Karl Marx é que ele não considerou adequadamente o trabalho doméstico e reprodutivo não remunerado realizado pelas mulheres em suas obras. Marx concentrou-se principalmente no trabalho assalariado realizado pelos homens na indústria e na produção capitalista, deixando de lado o trabalho invisível e não remunerado realizado pelas mulheres em casa, como a limpeza, a cozinha, o cuidado dos filhos e outras tarefas domésticas e familiares. Nesse ponto, Marx recebe muitas críticas, podemos citar, por exemplo, a autora do livro *O Patriarcado do Salário* Sylvia Federici, argumenta que nesse ponto a análise marxista da classe trabalhadora é limitada, pois não leva em conta as diferenças de gênero, raça e etnia dentro da classe trabalhadora. Para ela, Marx não percebe a exploração do trabalho doméstico como uma das formas fundamentais de exploração das mulheres no sistema capitalista, pois são forçadas a trabalhar tanto no mercado quanto em casa, sem receber remuneração ou reconhecimento adequados pelo trabalho que realizam, assim como também não percebe que a luta pela libertação das mulheres também está ligada a luta pela libertação da classe trabalhadora como um todo, uma vez que o trabalho das mulheres na

⁷⁸ Ibidem, p. 78.

esfera doméstica é fundamental para a reprodução e manutenção da força de trabalho, tornando-se uma condição prévia para a existência do trabalho assalariado e da produção capitalista. Além disso, as relações de poder dentro da família e da sociedade em geral são profundamente influenciadas pelo trabalho doméstico e reprodutivo não remunerado das mulheres, “o trabalho doméstico e a família são os pilares da produção capitalista”.⁷⁹

Federici também crítica a esquerda tradicional por ter subestimado a luta contra o patriarcado e a opressão das mulheres, e por não reconhecer a importância da luta feminista para a luta pela libertação da classe trabalhadora.

Muita coisa mudou na atualidade em comparação aos anos 1970, quando as feministas eram rotineiramente acusadas de dividir a classe trabalhadora. O avanço dos movimentos estudantil, feminista e ambiental, bem como a crise do trabalho assalariado, forçaram os grupos marxistas a olhar além da fábrica, para a escola, meio ambiente e, mais recentemente, a "reprodução social" como terrenos cruciais para a reprodução da mão de obra e para a luta da classe trabalhadora.⁸⁰

O trabalho doméstico, embora não tenha sido considerado um elemento central na análise histórica, política e econômica de Marx sobre a organização capitalista, apesar das críticas, não podemos negar que ele nos deu ferramentas para compreender a sociedade capitalista e, até mesmo, contribuiu para o desenvolvimento da teoria feminista, mesmo que indiretamente. Muitas feministas utilizaram e utilizam as teorias marxistas para analisar a posição da mulher dentro dos meios de produção.

Não importa a situação política do espaço onde as mulheres estejam, pois de uma forma ou de outra elas são privadas e são negados direitos numa prática milenar de subjugar-las e apesar de suas constantes lutas para conquistar e manter as poucas liberdades que alcançam, basta uma oportunidade ou circunstância para mostrar que esse, é um esforço contínuo. Regimes autoritários sempre reafirmam o papel da mulher como mãe e dona de casa na sociedade. O pai, como chefe do lar, como “cabeça” da família e a mulher como reprodutora e mãe. Essa valorização do papel da mulher também é conveniente para o fortalecimento dos valores conservadores, a junção da religião e a família. Na Alemanha, durante o período quando o seu governo era controlado por Adolf Hitler e pelo Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, mesmo após as mulheres conquistarem, um pouco da sua independência econômica, o de poder trabalhar, mesmo diante de uma dupla exploração, ocorre um retrocesso com Hitler

⁷⁹ FEDERICI, Silvia: *O Patriarcado do Salário*, p.29

⁸⁰Ibidem, p.52

que vai reafirmar o papel da mulher no seu sistema de governo, a partir da sua função reprodutora e dona de casa.

Hitler, em discurso à Nationalsozialistische Frauenschaft [Associação/Liga das Mulheres Nacionais Socialistas], define o chamado “mundo feminino”: Pode-se dizer que o mundo do homem é o Estado, seu esforço, sua prontidão de devotar seus poderes a serviço da comunidade, então, pode talvez ser dito que o [mundo] da mulher é um mundo menor. Para ela, o mundo é seu marido, sua família, seus filhos e seu lar. Mas o que seria do mundo grande se não tivesse ninguém para cuidar do menor? Como pode o mundo maior sobreviver se não tivesse ninguém para fazer do cuidado do mundo menor o conteúdo de suas vidas? Não, o mundo maior é construído na fundação do mundo menor. Este mundo maior não pode sobreviver se o mundo menor não for estável. A providência confiou à mulher o cuidado daquele mundo que é seu próprio, e somente na base deste mundo menor pode o mundo dos homens ser formado e construído.⁸¹

Na história da Ditadura Militar, como em todos os projetos políticos autoritários, são exaltados os valores ligados à família, à religião, à pátria, à ordem. Nesse contexto, diversas mulheres que tiveram a perseguição do espaço de voz e produção, como, por exemplo, a censura do álbum Índia produzido, regido e lançado por Gal Costa, a mesma continha uma capa intitulada pelos censuradores como “excesso de nudez” o que remeteu a venda do álbum com uma capa plástica por cima. Mas foi também a partir dos anos 1960, que surgiram vários movimentos de mulheres não só no Brasil, mas ao redor do mundo. No Brasil essas mulheres eram presença constante nos movimentos de oposição ao governo. Desafiando o papel feminino tradicional, participaram do movimento estudantil, partidos, sindicatos. Também, ainda que sempre em menor número que os homens, pegaram em armas, na tentativa de derrubar o regime militar. Um dos símbolos da mulher livre, no qual dominou a mídia na época, foi a atriz Leila Diniz, onde foi reconhecida por ir à praia grávida, com um biquíni considerado 'pequeno' na época.

As mulheres não se contentavam apenas com o direito ao voto, conquistado a duras penas, mas queriam romper com os padrões rígidos impostos pela sociedade patriarcal, para isso lutavam pelo direito de interrupção da gravidez, pela liberdade sexual, contra a violência sexista, por seu direito ao trabalho e pela afirmação no mundo público como cidadãs. A pílula anticoncepcional colocou em questão a maternidade como destino obrigatório, permitindo às mulheres desvincular a prática de sua sexualidade à gravidez.

⁸¹ Este discurso é proferido por Adolf Hitler à Nationalsozialistische Frauenschaft, à Liga das Mulheres Nacionais Socialistas, em 1934, e está disponível em: NOAKES, Jeremy e PRIDHAM, Geoffrey, eds., Nazism, 1919-1945, Vol. 2: State, Economy and Society 1933-1939. Exeter: University of Exeter Press, 2000, pp. 255-56. A tradução aqui presente é minha. MACHADO, Yasmim Trindade.

O controle do corpo da mulher, a sua autonomia decisória e a sua própria identidade, é necessária num sistema capitalista. O tema aborto, por exemplo, gera muita polêmica no Brasil e tem como uma das bases principais contra o aborto, a religião. No Brasil, o aborto é um problema de saúde pública, uma pesquisa destaca que entre 2009 e 2018, 721 mulheres após abortarem: a cada dez, seis eram pretas ou pardas. O aborto clandestino é uma das principais causas de morte de grávidas no país. Essa ilegalidade do aborto no Brasil, não impede mulheres de praticá-lo, mas acentua ainda mais a desigualdade social, já que quem mais é prejudicado pela criminalização do aborto são as mulheres de baixa renda. Mesmo quando o aborto é praticado como alguns casos no Brasil: gravidez que resulta de estupro, anencefalia fetal e gravidez que coloca em risco a vida da gestante, as mulheres sofrem julgamentos ou até enfrentam dificuldade para abortar em hospitais brasileiros, muitos profissionais se recusavam a realizar o aborto por razões morais e religiosas, utilizando-se do direito à escusa de consciência. A partir do momento que o Estado criminaliza o aborto, impossibilita às mulheres pobres a realização de um procedimento seguro, não lhe dá o direito de controlar seu próprio corpo e tomar decisões que dizem respeito ao mesmo. “com isso, quero dizer que nossos corpos, nossa interpretação simbólica de nossos corpos e nosso sentimento de controle sobre nossos corpos são centrais para nosso mais básico sentido de individualidade, para nossa identidade e nossa dignidade pessoal. Meu corpo não é extrínseco a quem eu sou.”⁸²

Buscando apoio em Michel Foucault em seu livro *Vigiar e Punir*, o corpo também está mergulhado num campo político, em um sistema de sujeição onde é cuidadosamente preparado e utilizado. Foucault em sua teoria faz uma ampla análise sobre a sexualidade; mesmo não falando diretamente sobre o controle dos corpos femininos, podemos relacionar um aspecto importante em sua teoria, que a sexualidade deixa de ser um aspecto comum do cotidiano dos sujeitos para ser transformada em um dispositivo, um conjunto de mecanismos disciplinares submetido aos discursos disciplinares e de controle que se constituíram “pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida”⁸³ produzindo corpos dóceis e aptos para o sistema reprodutivo, o corpo da mulher, saturado de sexualidade.

Mesmo com o passar do tempo ou pelas transformações sócias históricas, surge uma nova construção da subjetividade e do corpo da mulher, por muitas vezes, tendo influência da religião e da família. Se antes tínhamos uma forte restrição, uma repressão, hoje a mulher tem liberdade para suprir as necessidades que a sociedade industrial ofereça, para que o corpo esteja

⁸²COHEN, Jean: *Repensando a Privacidade: autonomia, identidade e a controvérsia sobre o aborto*, p. 195

⁸³FOUCAULT, Michel: *Vigiar e Punir*, p. 132.

regulado pelos apelos que a sociedade capitalista impõe, visando o consumo e o lucro, associando a felicidade ao consumo. Para o capitalismo, o corpo e a sexualidade devem ser controlados para que se forme um operário dócil, que se submete à sua disciplina. A disciplina garante e estabelece corpos dóceis, corpos que não se revoltam. Lembremos novamente de Foucault quando diz: “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis, a disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo [...]”⁸⁴.

Desde a antiguidade clássica, entre os gregos, é possível observar a primeira tentativa de padronização e idealização do corpo humano. O belo e a estética foram temas de discussões entre filósofos. Da mesma forma, durante a Idade Média até os dias atuais, o físico passou a ser mais exigido e valorizado em determinadas épocas. Com frequência, a industrialização cultural exerce forte poder sobre o corpo humano, com a ditadura da beleza cada vez mais presente, atuando de maneira sorrateira sobre as pessoas. Especificamente, o corpo feminino é explorado tanto nos comerciais destinados ao público masculino, quanto aos destinados ao público feminino. Quando a mídia, por exemplo, tendo como público-alvo homens e sempre relacionado nas propagandas de cerveja as mulheres “padrões” incitando a sensualidade, relacionado a cerveja, atribuindo a ela valores socialmente reconhecidos como femininos.

Na contemporaneidade, as mulheres parecem estar muito mais submetidas do que os homens ao consumo de roupas, acessórios, de cirurgias plásticas e de academias de ginástica, entre outros produtos, adotados para se adequar ao padrão de corpo estabelecido pela sociedade capitalista. Isso ocorre principalmente porque as mulheres são o alvo principal de propagandas publicitárias da moda, ocorrendo uma forte pressão da sociedade com relação aos padrões corporais femininos.

A “indústria do corpo” (academias, clínicas de estética, salões de beleza, “spas”, butiques, revistas, costureiros e estilistas, etc.) está a serviço da produção capitalista que a domina. Essa *beleza domesticada*⁸⁵, faz uso da ilusão de que, ao tornar seu corpo saudável, forte e belo, a mulher se sentirá melhor e mais feliz. Muito evoluiu, mas ainda podemos ver a publicidade ou a mídia apelando para a erotização/objetificação das mulheres ou impor padrões de beleza. Insistem em retratar os corpos femininos sempre magros/malhados, brancos e, muitas vezes, seminus. Esses meios de comunicação constroem uma imagem da mulher que não condiz com

⁸⁴ Ibidem, p. 119.

⁸⁵ WOLF, Naomi: *The beauty myth: how images of beauty are used against women* (Nova York, Harper Perennial, 2002 [1991]), p. 14.

a realidade. Com isso, ela se sente obrigada a buscar os padrões oferecidos pela sociedade industrial. A todo momento ocorre um monitoramento constante das atitudes e do corpo da mulher. Sendo assim, ela precisa ser vaidosa para ficar bonita, tem que ser bem-sucedida profissionalmente, além de ser uma boa mãe, ou seja, deve representar a figura da mulher maravilha, aparentar uma perfeição que o sistema pede que ela seja.

Se antes a vida da mulher era administrada conforme os interesses masculinos, sendo esperada que fosse pura e recatada, quando solteira, e, quando casada, devotada e dependente financeiramente do esposo. No mundo moderno valoriza a mulher sensual e provocante, estável profissional e financeiramente, mas submetida às imposições da mídia. O corpo feminino, que sofreu os limites impostos pela cultura e pela sociedade patriarcal em sua busca de prazer, deu lugar ao corpo que produz força de trabalho e parece se adequar aos interesses capitalistas. Mas quais seriam esses interesses? Contribuir para que a dominação masculina perpetue, visto que o capitalismo anda com o patriarcalismo.

O modo de produção capitalista ao “liberar” a mulher, segue se eximindo da garantia de alguns direitos sociais, como a desigualdade na participação em estruturas econômicas, nas atividades produtivas e no acesso a recursos, a desigualdade na participação no poder político e nos órgãos decisórios; violência contra a mulher; estereotipação dos temas relativos à mulher nos meios de comunicação e a desigualdade de acesso a essas mídias, etc. Tais direitos ainda negados a mulher, são reproduzidos socialmente graças a presença de uma construção patriarcal, que segue reproduzindo o capitalismo e a exploração da força-de-trabalho da classe trabalhadora, mediante sua invisibilização política, social e econômica. Neste sentido, a igualdade na sociedade unidimensional, é uma igualdade repressiva. “para alcançar a igualdade, sendo o pré-requisito absoluto da libertação, o movimento deve ser agressivo. Mas igualdade ainda não é liberdade”⁸⁶.

Como pré-requisito básico para uma liberdade, a igualdade das mulheres não poderá ser alcançada numa estrutura capitalista. Partindo do princípio de que a emancipação da mulher está associada à construção de uma nova sociedade, Clara Zetkin, uma das primeiras agitadoras e propagandistas do feminismo socialista que propôs que no 8 de março se comemorasse o Dia Internacional da Mulher. Ela também acreditava que a emancipação das mulheres encontra um limite estrutural no capitalismo, pois esse sistema econômico é incompatível com a igualdade. Apenas mediante a igualdade econômica, política e cultural, a mulher terá papel determinante;

⁸⁶ MARCUSE, Herbert. “*Marxismo e Feminismo*”, p. 85.

por enquanto se encontra como força política de oposição, que combate as opressões e compreende a realidade. Uma vez abolida a sociedade capitalista e instaurada as relações socialistas, as mulheres possivelmente serão emancipadas. A negação dos valores da realidade estabelecida é, da mesma forma, a negação dos valores dados pela sociedade patriarcal. O movimento de mulheres representa o potencial de negação de uma sociedade erigida a partir do princípio da produtividade destrutiva própria da forma mental e física da dominação masculina, que gera uma estrutura na qual “[...] nem homens, nem mulheres são livres”⁸⁷. Por isso “[...] uma sociedade livre seria a ‘negação definitiva’ desse princípio – seria uma sociedade fêmea”⁸⁸

Podemos notar qual o significado dessa nova realidade da vida sexual para a estratégia crítica marcuseana: a sexualidade evidencia a organização mais-repressiva, cujas demandas resultam em um impasse. Por um lado, a realidade tecnológica possibilita maior liberdade e gratificação aos desejos do sujeito. Enquanto o corpo não se fixa às longas jornadas de trabalho, é possível uma vida sexual mais aberta às experiências polimórficas de prazer. Por outro lado, toda essa realidade se estabelece em instituições sociais cujas demandas ainda se organizam nas antigas formas sociais, como a vida sexual da família monogâmica e patriarcal.

Nesse contexto, toda a satisfação das pulsões parciais que escapam das demandas instituídas pela performance da realidade familiar se efetua como "perversões-tabu" ou são sublimadas, ou ainda, tornam-se subsidiárias de uma sexualidade reprodutiva. Assim, a vida sexual se apresenta através dos seus impasses com as demandas da sociedade. Pois, se de um lado, reforça seu polimorfismo em unidades mais amplas do que a família monogâmica, a sexualidade passa a ser tratada como perversão; de outro, caso se reduza à monogamia, a sexualidade se degrada na sociedade em que vive. Por conseguinte, sob o princípio desempenho, a experiência da sexualidade se reduz a uma peça ínfima no interior de um largo aparelho, em que o indivíduo deixa de viver sua própria vida para desempenhar funções pré-estabelecidas.

Para Marcuse, é no impasse em que se estrutura a sexualidade, onde é possível a crítica. Marcuse quer testar a sexualidade em outro nível: na possibilidade de transformação da libido em uma ordem não repressiva. Para tanto, é necessária uma nova estrutura da economia libidinal que segue da "sexualidade coagida sob a supremacia genital para a erotização de toda a personalidade. É a expansão mais do que a explosão da libido." Eis a aposta de Marcuse: sob o signo da sexualidade, é possível recuperar a função outrora devida ao princípio de realidade (a

⁸⁷ MARCUSE, *Herbert. O Homem Unidimensional: Estudos da Ideologia da Sociedade Industrial Avançada.* 2015, p.78.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 77.

saber, uma estrutura econômica libidinal de gratificação expandida do desejo), sem o preço cada vez mais inflacionado da repressão. Transforma-se, pois, a sexualidade em Eros

Mas como “libertar Eros”? Se quisermos pensar uma sociedade não-repressiva, devemos então derrubar esses conteúdos repressivos, substituir o princípio de realidade e “libertar Eros”. Isso significa tornar o princípio do prazer dominante, e está liberação libidinal, no entender de Marcuse, não é o fim da civilização, como dizia Freud, mas é a passagem para um nível mais elevado de civilização: uma civilização sem dominação e sem mais-repressão.

A partir dessa configuração da vida sexual na ordem da realidade social e sua relação com a questão feminina, podemos compreender porque o tema ocupa um lugar privilegiado na teoria crítica de Marcuse. O autor, então, propõe uma possibilidade de existência, onde parece não haver, a existência de uma nova sociabilidade, uma nova sociabilidade, que só será possível se desenvolver a partir de uma nova sensibilidade, com a transformação da sexualidade em Eros. Um novo princípio de realidade se faz necessário para a emancipação feminina, na qual seriam superadas relações sociais e individuais capitalistas. Apenas com a igualdade econômica e política a mulher terá um papel determinante na reconstrução radical de uma sociedade.

No entanto, essa tal igualdade na sociedade estabelecida não significará exatamente liberdade, mas sim uma igualdade repressiva. Diante disso, o movimento deve ser agressivo frente a um capitalismo e seu atraso histórico. A luta pela emancipação das mulheres, também é uma luta pela emancipação humana, “as mulheres devem ter liberdade para determinar sua própria vida, não como esposas, não como mães, não como amantes, não como noiva, sim, como seres humanos individuais”.⁸⁹ Não uma emancipação utópica, mas sim uma luta política, com todos os meios possíveis de acontecer.

Em *Contra-revolução e Revolta*, o filósofo irá destacar que a mulher contém a promessa de libertação e lembra o símbolo de liberdade que a mulher traz consigo:

Neste sentido também, a mulher carrega a promessa de libertação. É a mulher que, na pintura de Delacroix, segurando a bandeira da revolução, lidera o povo sobre as barricadas. Ela não veste uniforme; seus seios estão à mostra, e seu lindo rosto não mostra traço de violência. Mas ela tem um rifle na mão – pois o fim da violência ainda é algo para se lutar”⁹⁰

⁸⁹ MARCUSE, Herbert: *Marxismo e Feminismo*, p. 89.

⁹⁰ MARCUSE. Herbert: *Counterrevolution and Revolt*. Boston: Beacon Press, 1972; p. 77-78.

4 CAPÍTULO III: O MOVIMENTO FEMININO: ANTÍTESE PARA A RESSENSIBILIZAÇÃO DO EROS

*Hoje, a luta pela vida, a luta por Eros, é a luta política.
Marcuse, Eros e Civilização.*

4.1 O processo de formação da consciência feminista na sociedade capitalista

Durante a leitura dos capítulos anteriores, destacamos o movimento de mulheres como um dos agentes sociais mais importantes, que contém a força e luta revolucionária na negação de valores reproduzidos pelo domínio masculino, em uma sociedade de classes que tende a cada vez mais endurecer, se fechando em si mesma. Marcuse sugere, a partir de Angela Davis, que a opressão das mulheres é resultado de forças sociais críticas das quais dependem toda a sustentação do modo de produção capitalista. As mulheres estão acorrentadas à posição de objeto natural, produto de valor de uso, e a pensar nas relações humanas exigidas pelo capitalismo na sua forma democrático-burguesa. Elas mesmas não são reconhecidas como participantes do fluxo de capitais.

Em vista disso, são necessárias articulações não só em termos teóricos, mas também práticos, uma consciência revolucionária que determine as condições para a luta pela emancipação feminina, assim como também dos homens: “Esse movimento é ligado com a luta política por uma revolução, pela liberdade para os homens e as mulheres”.⁹¹ O que está em questão aqui é como se contrapor aos valores propostos em uma civilização repressiva e patriarcal, uma civilização que mantém tendências repressivas cada vez mais enraizadas a partir do princípio de desempenho, “eis os valores que regem a sociedade capitalista: produtividade lucrativa, assertividade, eficiência, competitividade.”⁹²

Na conferência de 1974, que acabou se transformando em um ensaio *Marxismo e Feminismo*, Marcuse reconhece que o “movimento tem origem e opera dentro da civilização patriarcal”. Diante disso, as mulheres acabam sendo sujeitas a um determinado tipo de repressão devido à “unidimensionalidade” presente na sociedade industrial. Para Robin Morgan, “a análise pró-radicalmente radical que começa a emergir do feminismo revolucionário: que o capitalismo, o imperialismo e o racismo são sintomas da supremacia masculina- o sexismo”.

⁹¹ MARCUSE, Herbert: *Marxismo e Feminismo*, p. 79.

⁹² *Ibidem*, p. 81

A partir disso, voltemos ao seguinte questionamento: é possível o movimento de mulheres alcançarem uma real igualdade econômica, social e política em um quadro capitalista? Diante desses questionamentos, o filósofo ressalta que mesmo que surja um novo modelo de capitalismo e que tenha a possibilidade e condições materiais para a libertação tanto do homem, quanto da mulher, nunca permitirão o alcance desta, uma vez que o capitalismo dificulta e não tem interesse de uma formação de uma consciência livre. Como ressalta Saffioti “é preciso que a sociedade se empenhe na eliminação de uma mentalidade habituada a promover a inferiorização de fato da mulher. Esta complexa tarefa não é trabalho de uma geração, mas de várias e, em parte, resulta da homogeneização do grau de desenvolvimento econômico e sociocultural [...]”⁹³. Porém, a formação da consciência livre é barrada pelas relações de alienações que se desenvolvem desde o princípio.

Não há razões econômicas para que tal igualdade não seja alcançável dentro da estrutura capitalista, embora trate-se de um capitalismo amplamente modificado. Mas as potencialidades e objetivos do movimento de libertação das mulheres vão muito além, em direção a regiões que nunca poderão ser alcançadas em uma estrutura capitalista, nem na estrutura de qualquer sociedade de classes”⁹⁴

Devido a um crescente dessublimação repressiva na sociedade industrial avançada, que opera em criar conformismo, uma aparente liberdade sexual e prevalecendo uma consciência não- livre que absorve e aceita toda a irracionalidade das exigências e interesses que exporta suas formas de vida e valores da sociedade estabelecida. Com isso, Marcuse chamará a atenção para o reconhecimento da verdadeira consciência que os próprios indivíduos deveriam reconhecer e romper “o homem tem de vê-la e passar da consciência falsa para a verdadeira, do interesse imediato para o interesse real”⁹⁵.

Com a dessublimação repressiva na sociedade unidimensional dificultando uma consciência revolucionária e libertária, também fortalece ainda mais a repressão para as mulheres. A sexualidade feminina é liberada dentro dos limites da ordem social existente, reforçando a subordinação das mulheres aos homens e ao sistema capitalista. No entanto, a partir disso, poderíamos considerar um caminho para pensar o caráter integrador de um feminismo, ou seja, uma forma de dessublimação não-repressiva, que envolve a libertação dos desejos e da sexualidade em sua forma mais intensa e livre. A dessublimação não-repressiva é, portanto, uma forma de

⁹³ SAFFIOTI, Helleieth: *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, p. 83.

⁹⁴ MARCUSE, Herbert: *Marxismo e Feminismo*, p. 79 e 80.

⁹⁵ MARCUSE, Herbert: *O Homem Unidimensional: Estudos da Ideologia da Sociedade Industrial Avançada*, p.17.

ressensibilização do Eros, ou seja, da força vital e criativa da sexualidade humana, a dessublimação repressiva só pode ser realmente libertadora se for acompanhada por uma ressensibilização do Eros. Enquanto a sociedade unidimensional promove a manipulação repressiva dos instintos para produzir consciências submissas ao princípio de desempenho, a possibilidade de se construir uma sociedade não-repressiva, segundo Marcuse, está na libertação pulsional, ou seja, na formação de consciências hostis a qualquer manipulação e capazes de estabelecer novas relações perceptivas com a realidade, “Eros, penetrando na consciência, é movido pela recordação; assim, protesta contra a ordem da renúncia”⁹⁶. A concepção da negação e da renúncia torna-se primordial como superação interna e externa do sistema capitalista. É preciso levar em conta que no capitalismo industrial avançado, o pressuposto da escassez já não justifica a necessidade da repressão e que está só se mantém (enquanto mais-repressão) graças ao interesse de dominação que continua presente no princípio de desempenho da civilização. Marcuse reafirma a possibilidade histórica de uma nova sociedade na qual a falsa consciência seria sucedida por uma consciência emancipada e o poder interiorizado seria expulso do aparelho pulsional, dando lugar ao reino da liberdade.

Nesse sentido, a promessa concreta da libertação das mulheres está ligada à superação das forças sociais nutridas por sua opressão. A libertação real das mulheres ultrapassa a esfera comportamental dos indivíduos e somente seria possível com a queda de todo o sistema capitalista, o que deveria unir a luta das mulheres, à luta de classes. Um retrocesso que pode ser impedido pelo movimento feminino ao lado do homem contra a sociedade capitalista, pela mesma força que liberaram todos os trabalhadores e minorias de sua opressão e alienação. Marcuse, citando Angela Davis, ainda no seu artigo *Marxismo e Feminismo*, destaca condições e meios para combater o princípio de realidade estabelecido: a redução do trabalho físico pesado e do tempo de trabalho; a produção de roupas confortáveis e baratas; a liberalização da moralidade sexual; o controle de natalidade e educação em geral.

No entanto, tudo que essa sociedade se propõe, se transforma em fonte de exploração, como foi ressaltado anteriormente, mesmo que existam possibilidades para a emancipação do homem e da mulher, o capitalismo dificulta, tendências que poderiam ser libertadoras, agora são transformadas em tendências repressivas. As palavras como igualdade, liberdade e democracia perdem seu real sentido e valor, tornam-se meros instrumentos de uma racionalidade irracional, fazendo com que prevaleça um universo fechado mantendo comportamentos, linguagens e pensamentos unidimensionais, os indivíduos manipulados pelas satisfações e falsas

⁹⁶ MARCUSE, Herbert: *Eros e Civilização*, p.201.

necessidades promovidas pelo status quo perdem sua autonomia individual, sentem-se parte do sistema e pertencentes de uma liberdade, sendo assim satisfatórios, pois aniquila qualquer tipo de oposição ao que está estabelecido. A partir disso, Marcuse ressalta pontos importantes que a sociedade vigente dificulta e disfarça de “igualdade ou “empoderamento” quanto à emancipação das mulheres. Se por meio da dessublimação repressiva, ocorre um relaxamento dos tabus sexuais, ocorre também uma intensificação da repressão, já que por meio da dessublimação a reconciliação da ordem e das pessoas, torna-se mais eficaz. Da mesma forma, mesmo com os avanços da mulher na sociedade vigente, por exemplo, em relação ao mercado de trabalho, de fato não as emancipa, mas as transformam em instrumentos, assim como os homens historicamente.

Angela Davis, argumenta que a opressão das mulheres é o resultado de forças sociais críticas, das quais dependem toda a sustentação do modo de produção capitalista. A promessa concreta da libertação das mulheres está ligada à superação das forças sociais nutridas por essa opressão, essa libertação ultrapassa a esfera comportamental dos indivíduos com a queda de todo sistema capitalista. No processo de unidimensionalização, a sociedade repressiva oferece uma “emancipação” disfarçada de opressão, todas as fontes de negação, são transformadas em exploração. Com isso podemos perceber que, o gênero e a liberdade sexual, conseguem ser utilizados como instrumentos de dominação. A manutenção da ordem repressiva, a experiência de liberdade oferecida tem como consequência uma forte intensificação de controle. A luta das mulheres deve ir além da exigência de igualdade de direitos, embora seja fundamental, é preciso que essa luta abranja uma gama mais ampla, fora de uma estrutura capitalista.

Não será dentro numa estrutura capitalista e repressiva, que o patriarcado será mais leve, ao contrário, este será fortalecido, Marcuse reforça ao ser entrevistado por Peter Furth⁹⁷ “isto é emancipação em termos de ordem social existente, mas não há emancipação para além disso”. Apenas mediante a igualdade econômica, política e cultural, a mulher terá papel determinante, por enquanto se encontra como força política de oposição, que combate as opressões e compreende a realidade.

⁹⁷ La emancipación de las mujeres en una sociedad represiva: una conversación entre Herbert Marcuse y Peter Furth. “The Emancipation of Women in a Repressive Society” apareció inicialmente en alemán como “Emancipation der Frau in der repressiven Gesellschaft: Ein Gespräch mit Herbert Marcuse und Peter Furth” en *Das Argument*, 23, 1962, pp. 2-12. Furth, miembro del grupo *Das Argument*, orientado por los marxistas, pregunta a Marcuse sobre la opresión y la emancipación de las mujeres en la sociedad industrial contemporánea. Mientras que las preguntas de Furth resaltan la opresión de las mujeres en una sociedad represiva, Marcuse enfatiza las tendencias hacia la emancipación, anticipando así el movimiento de liberación de las mujeres que rápidamente acogió (N. de los Ed.)

Uma vez abolida a sociedade capitalista e instaurada as relações socialistas, as mulheres serão possivelmente emancipadas.⁹⁸ A negação dos valores da realidade estabelecida é do mesmo modo a negação dos valores dados pela sociedade patriarcal.

Assim, no próprio movimento está contida a imagem não apenas de novas instituições sociais, mas também de uma mudança de consciência, de uma mudança nas necessidades instintivas de homens e mulheres, libertos das exigências de dominação e exploração. E esse é o potencial mais radical e subversivo do movimento.⁹⁹

Com efeito, pensar em uma realização da igualdade completa de condições sociais (econômica, política e cultural) entre os gêneros, sob o capitalismo é inviável, uma vez que a sociedade de classes mantém a dominação de um sobre o outro e embarga a emancipação feminina à medida que toca em questões estruturais da sociedade e demanda a edificação de outro princípio de realidade.

Marcuse propôs possibilidades e condições para uma transformação do princípio de realidade estabelecido partindo de análises críticas. Para que ocorra uma transcendência para além das condições estabelecidas, como ponto de partida, deveria surgir uma nova consciência, “trata-se de desenvolver, nos explorados, a consciência (e o inconsciente) que afrouxaria a influência que neles exercem as necessidades escravizantes, necessidades que perpetuam a sua dependência do sistema de exploração”¹⁰⁰. Essa consciência livre deve ser capaz de se opor ao que está estabelecido, consciente das condições e processos, consciente de si, como força revolucionária. A linguagem, os gestos e impulsos que antes continham um caráter repressivo a favor do operacionalismo, agora torna-se como instrumento de contestação de negação radical, onde prevalecem novos valores.

Na segunda parte da obra *Eros e Civilização*, intitulada “*Para além do Princípio de Realidade*”, Marcuse irá propor saídas possíveis para uma sociedade livre. O autor acredita que, para ocorrer uma transformação da sociedade, é precisa romper com a noção de progresso. E a Grande Recusa aparece com práxis revolucionária capaz de transcender a servidão consentida. Para o autor, torna-se necessária uma recusa e rejeição de valores da moralidade repressiva da sociedade capitalista. A “Grande Recusa”, protesto contra o que está estabelecido, só pode se expressar livremente na arte, pois fora desta é considerada utopia, no entanto, está se encontra presa por um aparelho ideológico.

⁹⁸ No contexto de uma sociedade socialista, o machismo pode persistir, e Marcuse compartilha dessa perspectiva. Portanto, ele acredita que uma consciência feminista, destinada a desmontar os preconceitos machistas, deve se estabelecer e se espalhar antes mesmo da realização plena do socialismo.

⁹⁹ MARCUSE, Herbert: *Marxismo e Feminismo*, p.80.

¹⁰⁰ MARCUSE, Herbert: *Um Ensaio para a Libertação*, p. 81.

Essa Grande Recusa é o protesto contra a repressão desnecessária, a luta pela forma suprema de liberdade- “viver sem angústia”. Mas essa ideia só podia ser formulada sem punição na linguagem da arte. No contexto mais realista da teoria política ou mesmo da Filosofia, foi quase universalmente difamada como utopia.¹⁰¹

Na sociedade unidimensional, torna-se mais gratificante recusar a Grande Recusa. Prevalece uma razão positiva em uma aparente liberdade, tendo como resultado uma dessublimação devastadora, na qual os indivíduos passam a ser controlados pelas falsas necessidades ofertadas pelo sistema vigente.

Com a dessublimação repressiva promovida pela sociedade unidimensional, que transforma a sexualidade em mercadoria, esta passa por um processo de libidinização. As forças de contenção produziram a consciência feliz dos indivíduos, assim como foi tratado no capítulo anterior. Com a ressexualização da vida funciona num sentido favorável ao princípio de realidade, pois é acompanhada de uma contração de Eros, que, segundo Freud, é uma força que transcende a mera função sexual. No entanto, na sociedade afluenta a sexualidade é reduzida, ocorrendo uma deserotização e uma liberalização do sexo. Torna-se quase que obrigado gozar das satisfações imediatas oferecidas pelo capitalismo tardio, Jaques Lacan vai chamar de “um mercado do gozo” esse gozar obrigatório da modernidade, “daí porque ele nos lembra que o verdadeiro imperativo do supereu na contemporaneidade é: “Goza! ”, ou seja, o gozo transformado em uma obrigação.”¹⁰². A liberação das múltiplas formas possíveis da sexualidade indica a lógica de que cada um tem direito, ou melhor, o dever de encontrar sua forma de gozo.

A noção de uma ordem instintiva não-repressiva deve ser primeiramente testada nos mais “desordenados” de todos os instintos: os da sexualidade. Uma ordem não repressiva só é possível se os instintos sexuais puderem, em virtude de sua própria dinâmica e sob condições existenciais e sociais mudadas, gerar relações eróticas duradouras entre os indivíduos maduros. Após a eliminação de toda a mais-repressão e a partir de uma nova sociabilidade, será possível o surgimento de uma “racionalidade libidinal que seja não só compatível, mas promova até o progresso para as formas superiores de liberdade civilizada”¹⁰³? Na nova ordem não repressiva, tornada possível pela liberação dos instintos e pela transformação de Eros, os indivíduos passariam a ser conduzidos de acordo com princípios autônomos, autodeterminados. A liberação

¹⁰¹ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*, p.115.

¹⁰² LACAN, J: *Le séminaire: Livre XX*, p. 10.

¹⁰³ MARCUSE, Herbert: *Eros e Civilização*, p. 175.

dos instintos também tem um caráter de libertação política e social, uma vez que ela é o pressuposto de uma sociedade verdadeiramente livre e emancipada, “ A nova sensibilidade torna-se uma força política”.¹⁰⁴

O maior obstáculo à hipótese de uma civilização não repressiva é a concepção de que a diminuição da repressão social privaria os indivíduos das energias necessárias ao trabalho, sem o qual a sociedade não pode sobreviver em sua luta pela sobrevivência diante da escassez. No entanto, com o nível de desenvolvimento das forças produtivas alcançado pela sociedade industrial avançada e também pela tecnologia, o tempo de trabalho poderia ser reduzido ao mínimo. Uma organização social não repressiva, em que o tempo livre não seja manipulado e apropriado pela indústria cultural, poderia ocorrer uma reerotização do organismo por inteiro, para além das necessidades da sexualidade. Isto seria uma consequência da própria redução do tempo de trabalho socialmente necessário.

Marcuse aposta numa erotização total do corpo, uma vez que todo ele é concebido como zona de satisfação, deixaria de prevalecer uma dessublimação repressiva e ocorreria uma dessublimação controlada¹⁰⁵ “ que, muito longe de levar a humanidade de volta a estágios anárquicos e primitivos, produziria uma forma menos repressiva e certamente superior de civilização”¹⁰⁶. É necessário rever a ideia de que só se pode sentir prazer a partir da estimulação dos órgãos genitais. Marcuse então propõe a erotização total do corpo, o que seria um grande choque ao pensamento tradicional que não aprova as relações sexuais voltadas unicamente ao prazer, destacando a possibilidade de reprodução, por ser oposta ao *status quo*.

Os que estão ligados ao processo de produção não irão apoiar ou aderir à nova sensibilidade de bom grado, a moralidade está enraizada no impulso erótico para conter a destrutividade e criar mudanças na moralidade. É importante destacar que a liberdade da sexualidade que ocorre na sociedade afluenta difere do desenvolvimento da pulsão erótica livre, ou seja, a sexualidade tende para sua própria sublimação, uma auto- sublimação. Falamos da auto- sublimação da sexualidade. O termo implica que a sexualidade pode, sob condições específicas, criar relações humanas altamente civilizadas sem estar sujeita a organização repressiva que a civilização estabelecida impôs ao instinto.

¹⁰⁴ MARCUSE, Herbert: *Eros e Civilização*, p. 23.

¹⁰⁵ Marcuse, utiliza o termo *Dessublimação Controlada* em *O Homem Unidimensional*, para apontar uma dessublimação que “ implicaria a possibilidade de uma realização simultânea da sexualidade reprimida e da agressividade (...), seria compatível com o crescimento tanto das formas não-sublimadas de agressividade quanto das formas sublimadas. MARCUSE, *O Homem Unidimensional*, p. 102.

¹⁰⁶ MARCUSE, Herbert: *Cultura e Psicanálise*, p. 105.

Com isso ocorre a possibilidade de uma sublimação não repressiva fazendo prevalecer sua própria ordem cultural, incompatíveis com as instituições do princípio estabelecido. A partir de uma nova sociedade também atingiria a área do trabalho, onde predomina o princípio de desempenho, se a libido estiver a serviço da labuta a mente se torna estéril e sem força mental criadora, mas com a sublimação não-repressiva, o trabalho deixará de ser um labor alienado deixando de ser exigido como uma repressão exploradora.

A teoria crítica de Marcuse terá forte influência de Friedrich Schiller, um dos filósofos que garantem a possibilidade de uma civilização baseada no Eros. Utilizando a obra de Schiller *Cartas sobre a Educação Estética*, Marcuse incorpora a categoria da sensibilidade da educação estética de Schiller para anexá-la em sua obra *Um Ensaio para a Liberdade*. A educação estética que Schiller propõe oferece alternativas de uma vida pautada no Belo em todas suas formas: física, erótica e ideal. O autor acredita que a função estética poderia desempenhar um papel decisivo auxiliando na reformulação da civilização que seja capaz de efetivar uma reconciliação erótica dos indivíduos com a natureza, acabando com toda repressão desnecessária e colocando os homens e mulheres no caminho da liberdade. Schiller defende a reconciliação entre os impulsos básicos, o impulso sensual e impulso formal. No entanto, somente o impulso lúdico poderia efetivar, “Qualquer dominação exclusiva de um dos dois impulsos fundamentais é para ele um estado de pressão e violência; a liberdade está somente na concordância das duas naturezas” (Schiller, 1991: p.99).

Na civilização, o que ocorre é uma submissão da sensibilidade a razão, uma racionalidade de gratificação em que o princípio de desempenho prevalece sobre o indivíduo. Com o impulso lúdico a razão e a sensibilidade entrariam em equilíbrio, o homem seria livre de suas pressões e obrigações e recuperaria a “liberdade de ser o que deve ser”¹⁰⁷, assim o impulso lúdico transformaria a realidade. Com isso Marcuse resume quais seriam os resultados de uma ordem não-repressiva a partir da obra de Schiller: 1) transformação do trabalho, deixaria de ser labuta, transformaria em uma atividade lúdica, 2) com a reconciliação dos impulsos básicos ocorreria uma auto-sublimação da sensualidade e 3) A conquista do tempo, ou seja, um tempo verdadeiramente livre sem ter que depender da labuta.

Assim, a construção de uma sociedade pressupõe um indivíduo com uma sensibilidade diferente, e daí uma consciência diferente: indivíduos que fariam uma linguagem diferente, faziam gestos diferentes, seguiram impulsos diferentes; que teriam erguido uma barreira instintiva contra a crueldade, a brutalidade.

¹⁰⁷ MARCUSE, Herbert: *Eros e Civilização*, p. 168.

Ora tal transformação instintiva só é concebível como fator da transformação social se penetrar na divisão social do trabalho, nas próprias relações de produção. Estas seriam modeladas por homens e mulheres com verdadeira consciência de serem humanos, temos, sensíveis, que não mais se envergonhassem deles próprios.¹⁰⁸

O filósofo frankfurtiano não pretende apenas apontar os problemas na sociedade afluyente, mas propõe uma possibilidade de existência, onde parece não haver, de uma nova sociabilidade, ou seja, um novo princípio de realidade se faz necessário para emancipação feminina, em que seriam superadas relações sociais e individuais capitalistas. Apenas com a igualdade econômica e política, a mulher terá um papel determinante na reconstrução radical de uma sociedade.

4.2 O Movimento Feminino e a Ressensibilização do Eros

Na obra *Eros e Civilização*, assim como, em *Um ensaio para Libertação*, Marcuse compreende a necessidade de alternativas que o indivíduo pudesse transcender os valores estabelecidos a partir de uma nova sociedade, para além da realidade estabelecida, e as diferenças entre homens e mulheres teriam sido superadas, livres de exigências de dominação, novas relações sociais, um Eros libertário a partir de uma nova sensibilidade como força política:

A nova sensibilidade tornou-se, por essa mesma característica, práxis: emerge na luta contra a violência e a exploração, onde quer que essa luta se desenvolva por meios e formas de vida essencialmente novos: negação de todo o establishment, da sua moralidade, da sua cultura; afirmação do direito de construir uma sociedade onde a abolição e do trabalho árduo conduza a um universo onde o sensível, o lúdico, a tranquilidade e o belo se tornam formas de existência e daí a forma da própria sociedade.¹⁰⁹

Com o predomínio do princípio de desempenho, a mulher está cada vez mais transformada em um objeto sexual. O corpo feminino torna-se uma mercadoria lucrativa, um corpo domesticável a ser vendido. Essas tendências, que podem parecer libertadoras para alguns, são o resultado de uma “camuflagem” reprodutiva do sistema patriarcal estabelecido, no qual a mulher tem estado sujeita a uma repressão. Para possibilitar a emancipação física e intelectual feminina diante do status quo, Marcuse propõe que o movimento opere em dois níveis, primeiro: a luta pela igualdade econômica, social e cultural e segundo: o movimento como potência que construiria uma sociedade a partir de um novo princípio de realidade, que ultrapassa as

¹⁰⁸ MARCUSE, Herbert: *Um Ensaio para a Libertação*, p. 36

¹⁰⁹ MARCUSE, Herbert: *Um Ensaio para a Libertação*, p. 41-42.

exigências do domínio e exploração tanto do homem como da mulher, sendo uma negação dos valores propostos pelo establishment.

Contudo, Marcuse não levanta a tese de uma sociedade matriarcal que, por meio das imagens ideológicas da doçura e da maternidade femininas, substituiria a civilização patriarcal e a sociedade de classes. A ideologia desta tese reside em fundamentar o “feminino” em traços naturais e biológicos pretensamente acima e além das diferenças históricas, sociológicas e psicológicas entre o homem e a mulher. Por sua vez, o argumento de Marcuse aponta para outro tratamento da questão, a saber, o de que houve um processo milenar de condicionamento social que formou uma “segunda natureza” que não muda automaticamente pela estabilização de instituições sociais. Essa mudança seria resolvida somente com a superação da civilização patriarcal, da sociedade de classes, da dicotomia homem-mulher e dos valores de longa duração histórica que sustentam esta dicotomia.

Milenarmente, a força física, como meio necessário para a defesa de princípios de realidade anteriores ao vigente, reduziu o papel das mulheres à atividade periódica da gravidez e ao cuidado com as crianças. Em seguida, mantendo-se com essas bases, a dominação masculina se estendeu da esfera de origem militar às outras instituições sociais e políticas. A mulher foi considerada um ser inferior, auxiliar, apêndice dos homens, objeto sexual e de reprodução. Seu corpo e seu espírito foram reificados, e a sexualidade reduzida a um meio voltado para fins determinados socialmente: a procriação ou a prostituição. Marcuse chama de *natureza secundária*¹¹⁰, sentimentos como: sensibilidade, delicadeza, passividade, que teriam sido historicamente associados às mulheres, pois a mesma, durante toda a história patriarcal, fora dominada e tais sentimentos seriam opostos ao princípio de realidade estabelecido, que é o masculino. No entanto, em uma nova sociedade, certas qualidades femininas substituiriam qualidades brutas e violentas que seriam associadas à masculinidade, defendendo uma forma de androginia social.

¹¹⁰ “O conceito de segunda natureza é de origem aristotélica. Para Aristóteles a prática incessante das mesmas ações nos torna habituados a fazê-la, de modo que nos tornamos resistentes a mudar velhos hábitos, pois o hábito seria algo que “muda dificilmente porque se assemelha à natureza, como diz Eveno: O hábito, meu caro, não é senão uma longa prática que acaba por fazer-se natureza” (ARISTÓTELES, 1984, p. 30, grifo do autor). Hegel, a quem Marcuse parece se basear, retoma a concepção aristotélica de segunda natureza e a associa aos hábitos de um povo estabelecidos por ele mesmo, enquanto regras da liberdade e sociabilidade. Esses hábitos determinam como um povo comporta-se efetivamente de modo ético, constituindo uma espécie de moralidade imediata, é o “ético (que) aparece como modo de ação universal deles – como costume – o hábito deles como segunda natureza, que é posto no lugar da vontade meramente natural” (HEGEL, 2010, §151). Esses hábitos, segundo Hegel, atuam como “forças éticas” (HEGEL, 2010, §145) que condicionam o indivíduo em seu modo de ser e pensar, desta maneira uma sociedade que tem o hábito de caçar tende a formar caçadores, uma sociedade com hábitos pragmáticos tende a constituir sujeitos mais pragmáticos do que uma sociedade com modos mais especulativos, etc.” Aquino, John Karley de Sousa. A concepção de mudança radical na Teoria Crítica de Herbert Marcuse / John Karley de Sousa Aquino. 2022. 151 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2022.

O que Marcuse propõe é a “ascendência de Eros sobre a agressão”, seja em homens ou em mulheres. Somente nesse sentido estaria correta a consideração de que seria preciso feminilizar o homem, o que representaria uma mudança decisiva na estrutura dos instintos, resultando no enfraquecimento da agressividade primária na cultura patriarcal.

Fenômenos como militarização, aumento da brutalidade, fusão entre sexualidade e violência, ataque direto contra o instinto de vida que se movimenta para preservar e reconstruir o meio ambiente, ataque contra a legislação antipoluição e mesmo a redução da imagem do socialismo a mero produtivismo em competição com o mundo capitalista demonstram o quanto a agressividade é canalizada para o que é útil socialmente. Em oposição a essas qualidades masculinas dominantes, peculiares ao princípio de rendimento.

As qualidades “femininas” (receptividade, sensibilidade, não-violência, afeto, etc.) seriam o domínio de Eros sobre Thanatos e a energia destrutiva. Apoiando-se em Angela Davis, Marcuse argumenta que o Movimento de Libertação das Mulheres seria a antítese ao princípio de desempenho. Em termos de economia psíquica, a agressividade primária persiste, mas perderia a característica especificamente masculina de dominação e de exploração: as características “femininas” deixariam de ser especificamente de um gênero e se tornaram parte integrante da infraestrutura da sociedade em seu conjunto, material e intelectualmente, e seriam dirigidas contra a exploração a dominação (o que significa que não seria força de apologia à fraqueza e à submissão).

Angela Davis e Marcuse compreendem que certos aspectos do arquétipo feminino devem ser incorporados ao movimento feminista, como negação radical da lógica, hegemônica e capitalista. A subversão dos valores na transição para o socialismo, significaria a transformação das pessoas em si, considerando a atualização da agressividade e da repressão que caracteriza nossa sociedade. Na avaliação de Marcuse, a predominância de qualidades arquetípicas femininas, como a receptividade, a sensibilidade e a ternura, poderia constituir as condições funcionais para a transformação radical de modo de existência humana ocidental.

Nesse estágio para Marcuse, quando as características femininas se tornarem parte da reconstrução da sociedade como um todo, essas características femininas deixariam de ser especificamente femininas, seriam universalizadas na cultura socialista, material e intelectual. Porém, a agressividade primitiva não teria mais o princípio masculino da dominação característica da sociedade tecnocrática.

No entanto, há boas razões pelas quais se deve discutir “mulher” como uma categoria geral oposta a “homem”. A saber, o longo processo histórico durante o qual as características sociais, mentais e mesmo fisiológicas das mulheres se desenvolveram diferentemente de, e em contraste com as dos homens.¹¹¹

Ao pensar em novas alternativas para a construção de uma nova subjetividade, mesmo com os aparatos da unidimensionalidade e princípio de desempenho que tentam impedir todas as formas de negação, o autor argumenta que só é possível libertar-se do domínio capitalista a partir da recuperação das qualidades femininas culturalmente atribuídas em escala social e o resgate de uma nova sensibilidade, baseada no poder emancipatório do Eros. Isso implica em exaltar o princípio feminino na ordem social e política. Nina Power em seu artigo *Marcuse y el feminismo revisitados*, destaca:

[Marcuse] compreendeu a libertação das mulheres como uma subversão do princípio de desempenho, e não como um convite à competição. Marcuse viu finalmente que o que estava em jogo era uma nova moralidade, uma moralidade feminista, uma inversão de valores da produtividade lucrativa, pressão, eficiência, agressão, competitividade, de uma racionalidade instrumental separada da emoção, tudo em nome da receptividade, ternura, não violência.

Marcuse teve diálogos importantes e até mesmo polêmicos, que contribuíram principalmente, ao se referirem à noção de “qualidades femininas”. Podemos citar uma entrevista de duas feministas alemãs, Silvia Bovenschen e Marianne Schuller, em 1978, ao entrevistar em Herbert Marcuse sobre sua visão em relação ao feminismo e a luta pela igualdade de gênero. Nessa entrevista¹¹², que posteriormente foi publicada em um livro, Bovenschen e Schuller questionaram Marcuse sobre sua posição em relação ao movimento feminista e mas principalmente sobre as chamadas qualidades femininas. Bovenschen e Schuller argumentam que a noção de qualidades femininas é problemática e reforça os estereótipos de gênero, limitando o potencial das mulheres, enfatizam a importância de uma abordagem mais inclusiva e aberta, que leve em consideração as experiências diversas e múltiplas das mulheres na sociedade patriarcal. Continuam por defender que essa ideia pode ser usada para justificar a subordinação das mulheres, já que essas qualidades femininas são frequentemente vistas como inferiores às qualidades masculinas; associadas à razão, à objetividade e à assertividade. Em resposta, Marcuse reconhece que a ideia de qualidades femininas pode ser usada de forma opressiva e que a luta feminista

¹¹¹ MARCUSE, Herbert: *Marxismo e Feminismo*. p.78

¹¹² Imágenes de la feminidad: una conversación con Silvia Bovenschen y Marianne Schuller. Esta conversación tuvo lugar en julio de 1977 en la localidad suiza de Pontresina. Silvia Bovenschen (1946-2017) fue una profesora feminista que dictó clases en la Universidad Goethe de Frankfurt y Marianne Schuller (1945) trabajó en las décadas de 1980 y 1990 como dramaturga en el Deutsches Schauspielhaus de Hamburgo y en el Theatre am Goethe-Platz de Bremen y como dramaturga invitada en el Freie Volksbühne de Berlín (N. del T.)

deve se concentrar na igualdade de oportunidades e na liberdade para as mulheres escolherem seu próprio caminho na vida, em vez de serem limitadas por estereótipos de gênero. Ele argumenta que a luta feminista deve ser parte integrante da luta mais ampla pela emancipação humana, que busca superar todas as formas de opressão e exploração. Marcuse afirma que sua intenção não é criar uma nova essência feminina, mas sim reconhecer a possibilidade de outra forma de subjetividade que seja menos marcada pela razão instrumental da sociedade capitalista. E que essa subjetividade pode ser alcançada por meio da liberação da sexualidade e da afetividade, vistas como qualidades mais presentes nas mulheres do que nos homens.

Outro diálogo importante que está publicado em marcuse.org, na década de 1970, com Kate Millett. Millett e Herbert Marcuse tiveram um debate sobre o feminismo na década de 1970, em um momento em que o movimento feminista estava ganhando força nos Estados Unidos e em outros países ocidentais. Millett era uma das principais ativistas feministas da época, conhecida por seu livro ‘Política e Social’; (1970), enquanto Marcuse era um teórico crítico proeminente que havia feito contribuições significativas à teoria feminista. O diálogo entre Millett e Marcuse ocorreu em um simpósio em Nova York em 1970, intitulado ‘Sexualidade e Libertação’. No geral, o diálogo entre Kate Millett e Herbert Marcuse sobre o feminismo mostrou a importância de uma abordagem crítica e interseccional à teoria feminista, que reconhece a complexidade das relações de poder na sociedade e a necessidade de uma transformação radical para alcançar a liberdade e a igualdade para todas as pessoas.

O filósofo justifica que tais qualidades fazem parte apenas da mulher devido a um processo histórico, no qual a mulher é levada a hierarquizar funções que, por muitos anos, tiveram o papel de procriar e cuidar dos filhos, sempre vista como inferior diante de uma sociedade.

Podemos reforçar por meio da antropóloga Margaret Mead, citada por Marcuse em *Eros e civilização*. Mead, no livro *Sexo e Temperamento*, argumenta que a cultura molda a forma como os indivíduos pensam e se comportam em relação ao sexo e gênero. Ela sugere que as diferenças de gênero são amplamente construídas culturalmente, em vez de serem determinadas biologicamente. Para exemplificar, Mead faz uma análise comparativa de três sociedades polinésias, onde as mulheres eram responsáveis por tarefas normalmente associadas aos homens em outras culturas, como a pesca e a guerra. Ela percebeu que em algumas culturas, homens e mulheres compartilham tarefas e responsabilidades igualmente, enquanto em outras culturas, as diferenças de gênero são mais marcantes e estritas. No grupo Arapesh, ambos os sexos eram pacíficos, cooperativos e afetuosos, enquanto no grupo Mundugumor, ambos eram agressivos, competitivos e individualistas. No grupo Tchambuli, as mulheres eram dominantes e agressivas, enquanto os homens eram mais emocionais e sensíveis. A antropóloga concluiu:

Se aquelas atitudes temperamentais que tradicionalmente reputamos femininas – tais como passividade, suscetibilidade e disposição de acalantar crianças – podem tão facilmente ser erigidas como padrão masculino numa tribo, e na outra ser prescritas para a maioria das mulheres, assim como para a maioria dos homens, não nos resta mais a menor base para considerar tais aspectos de comportamento como ligados ao sexo. E esta conclusão torna-se ainda mais forte quando observamos a verdadeira inversão entre os Tchambuli, da posição de dominância dos dois sexos, a despeito da existência de instituições patrilineares formais.¹¹³

Mead percebe que as diferenças culturais entre as sociedades que estudou não refletem a biologia humana, mas sim diferentes formas de organizar a vida social e cultural. Ela defende a ideia de que homens e mulheres possuem características naturais e fixas é uma construção social e histórica.

A partir de um princípio de realidade qualitativamente diferente ocorreria uma mudança radical, o indivíduo antes visto como objeto administrado agora um novo homem com uma sensibilidade diferente assim como uma consciência diferente; Marcuse em *Um Ensaio para a Libertação*, ao responder um questionamento que conclui e responde questionamentos a respeito do que faria uma sociedade livre de toda mais-repressão e o mesmo responde: “ A resposta que, creio eu, acerta em cheio, foi dada por uma jovem negra: Pela primeira vez na nossa vida seremos livres para pensar no que vamos fazer. ”

Rosa Luxemburgo, por exemplo, acreditava que a libertação das mulheres, estaria relacionada à luta de classes, sendo uma relação mútua, ou seja, as mulheres precisam do socialismo tanto para derrubar as formas de opressão do sistema capitalista quanto o socialismo, precisa das mulheres para que ocorra a revolução. Marcuse, ao utilizar a expressão “feminismo socialista”, refere-se a um movimento radical que nega os valores e exigências de domínio e exploração da sociedade de classes-patriarcal, onde os homens tornaram-se historicamente agressivos. Essa é a grande luta política primária contra a racionalidade capitalista. O socialismo feminista ocuparia um espaço vital, agindo na transformação do indivíduo e da sociedade como oposição revolucionária à conservação da lógica unidimensional, “a emancipação das mulheres, assim como de toda a humanidade, só ocorrerá no marco da emancipação do trabalho do capital. Só em uma sociedade socialista as mulheres, assim como os trabalhadores, alcançarão os seus plenos direitos”¹¹⁴. Através do socialismo feminino, será possível um socialismo que transcenda o princípio de realidade ao lado do princípio de desempenho. “ O socialismo, como

¹¹³ MEAD, Margaret: *Sexo e Temperamento*, p.268.

¹¹⁴ Zetkin apud Forner: *Selected Writings*, p. 64-50.

sociedade qualitativamente diferente, deve incorporar a antíteses, a negação definitiva das necessidades de agressividade e repressão assim como os valores do capitalismo”¹¹⁵. A libertação da mulher terá amplo alcance, pois romperá com a dominação fortalecida pelo uso social de sua constituição biológica (há a suposição de que a gestação e a maternidade sejam a função natural da mulher – o mesmo quanto a ser esposa, uma vez que a reprodução ocorre dentro da estrutura da família patriarcal monogâmica. Fora dessa estrutura, a mulher é vista como mera diversão). O movimento de libertação das mulheres deve combater essa visão, mas sem cair na ilusão de que a sociedade burguesa lutaria a favor dela, uma vez que a continuação de sua vigência é a perpetuação do “princípio masculino”.

Marcuse avalia que o Movimento de Libertação das Mulheres tornou-se uma força radical: transcende a esfera das necessidades e desempenho agressivos, da organização social e a divisão das funções estabelecidas pela hierarquia da divisão do trabalho vigente. Busca a igualdade não apenas dentro da sociedade estabelecida, mas também uma mudança na própria estrutura na qual nem homens, nem mulheres são livres.

Hoje qualquer forma nova de vida sobre a terra, qualquer transformação do ambiente técnico e natural, é uma possibilidade real, que tem seu lugar próprio no mundo histórico. Podemos fazer do mundo um inferno...caminhamos para isso. Mas podemos fazer também o oposto... as novas possibilidades de uma sociedade humana e de seu ambiente não podem mais ser imaginados como prolongamento das velas, nem tampouco serem pensadas no mesmo continuum histórico.¹¹⁶

¹¹⁵ MARCUSE, Herbert: *Marxismo e Feminismo*, p. 82.

¹¹⁶ MARCUSE, Herbert: *O fim da utopia*, 1980, p.13-14.

CONCLUSÃO

*Quem não se movimenta,
não sente as correntes que o prendem.
(Rosa Luxemburgo)*

O que nos leva a desenvolver esta pesquisa reside na preocupação de incentivar uma discussão a partir das ideias de Herbert Marcuse sobre possíveis alternativas para superar uma sociedade capitalista e patriarcal que domina a mulher desde os primórdios e apresentá-la como força revolucionária capaz de transcender ao princípio estabelecido. Assim, torna-se necessário estimular a discussão nos dias atuais. O filósofo reconhece que será um processo doloroso, mas necessário para uma sociedade madura, com novos hábitos e costumes diferentes dos que já existem, tanto para homens quanto para mulheres.

Um ponto em comum em todas as obras de Marcuse, é a sua preocupação sobre como o indivíduo poderá alcançar alternativas possíveis de uma nova consciência em um sistema de produção que tenta transformar tudo o que toca em dominação. Na tentativa de abordar diretamente o feminismo na sua palestra de 1974, Marcuse tem muito a nos ensinar, assim como o feminismo de 60 e 70, teve muito a ensinar a Marcuse.

É notável que o papel que a sociedade tem dado às mulheres reforça ainda mais os mecanismos que garantem o domínio contínuo dos produtores. Dentro das relações de classe existentes no capitalismo, as mulheres, em sua grande maioria, são mantidas num estado de servidão familiar e inferioridade social, não pelos homens em geral, mas sim pela classe dominante. A sua opressão serve para maximizar a eficácia da dominação. Como as estruturas de opressão feminina estão inextricavelmente ligadas ao capitalismo, a emancipação feminina deve transcender o objetivo da sua participação plena e igualitária num novo e reorganizado sistema de produção. Este fenômeno particular atesta ainda mais a unidade inseparável da opressão das mulheres e a exploração dos trabalhadores. A luta pela emancipação das mulheres, também é uma luta pela emancipação humana, não uma emancipação utópica, mas uma luta política, com todos os meios possíveis de acontecer. A mulher liberta é o caminho para uma sociedade livre.

Podemos desenvolver, em cada capítulo, nossos objetivos específicos para alcançarmos nossa finalidade geral, que é mostrar o movimento de mulheres como força política capaz de alcançar uma emancipação humana, em uma nova sociedade. Em nossa pesquisa, também propomos compreender a relação existente entre como o conceito de dessublimação repressiva, que é um importante elemento da teoria crítica de Herbert Marcuse, até então é visto como um obstáculo para a emancipação das mulheres, assim como também da emancipação humana. No

entanto, esse conceito pode se tornar uma saída para uma possível emancipação humana por meio de uma dessublimação controlada.

Partindo do conceito de dessublimação repressiva que Marcuse caracteriza a sociedade de massas, apresentando a dinâmica da sociedade que, por um lado, possibilita maior liberdade e satisfação das necessidades, mas o preço dessa liberdade é caro; essa liberdade atua como dominação. O indivíduo já sentir-se livre “as pessoas livres não necessitam de libertação e as oprimidas não são suficientemente fortes para libertarem-se”¹¹⁷. E como consequência dessa liberdade, analisamos como o capitalismo passa a integrar a sexualidade a partir de uma administração e mobilização da libido; a experiência erótica passa a ser reduzida a experiência sexual, contribuindo para um fortalecimento do *status quo* repressivo, o corpo torna-se mais uma mercadoria entre tantas outras. Através da localização e contração da libido dos indivíduos, a experiência erótica foi reduzida à experiência sexual, agora direcionada para a ampliação da gratificação sexual.

A sexualidade canalizada para as zonas erógenas imediatas e intensificadas, ocorrendo um relaxamento referente à dimensão da sexualidade após transformá-la em um veículo de descarga energética para que os indivíduos pudessem retomar satisfeitos os seus postos de trabalho. Com a dessublimação repressiva, a perda de autonomia do indivíduo torna-se mais escancarada e difícil de reconhecer as contradições da realidade estabelecida. E no contexto das mulheres, a dessublimação repressiva torna-se uma forma de controle social que impede as mulheres de expressarem sua sexualidade e seus desejos de forma livre e intensa. A libertação das mulheres, portanto, envolve a luta contra a dessublimação repressiva e a promoção de uma forma não-repressiva de dessublimação, que permita às mulheres explorarem sua sexualidade e expressarem seus desejos e emoções de forma livre e intensa.

A cultura de massa, ao criar falsas necessidades e desejos nos consumidores, leva-os a aceitar e reproduzir as normas de gênero e outras formas de opressão social, acabando por promover imagens estereotipadas e sexistas das mulheres, retratadas como objetos sexuais ou como mães cuidadoras. Visto que a repressão sexual afeta de forma desproporcional as mulheres, que são socialmente incentivadas a adotar um comportamento sexual passivo e submisso. “As mulheres estão nas capas de revista, na televisão, nos anúncios publicitários, ocupando visíveis espaços, entretanto, na maioria das vezes, de maneira excludente e estereotipada”.¹¹⁸

¹¹⁷ MARCUSE: *Eros e Civilização*, p.16.

¹¹⁸ WOLF, Naomi: *Os mitos da beleza como as imagens de beleza são usados contra as mulheres*.

Analizamos como o corpo na sociedade capitalista é condicionado e controlado, pelos seus interesses que visam apenas o lucro e consumismo. Prevalece então um forte domínio masculino que as mulheres atravessaram ao longo da era patriarcal como resultado de terem os seus corpos subjugados ao prazer, ao consumo e às necessidades masculinas. Discutimos sobre diversas concepções históricas e culturais do corpo, explorando em especial como afetam e interferem com o desenvolvimento dos corpos e subjetividades das mulheres. A mudança de tabus que estão presentes em cada cultura, principalmente relacionados à construção e à formação do gênero feminino. Podemos até relacionar que em cada período, surge um princípio de realidade que se adequa àquele momento, como reforça Marcuse:

Cada forma do princípio de realidade se concretiza num sistema de instituições e de relações sociais, de leis e de valores que transmitem e impõem as 'modificações' necessárias [às pulsões]. Este 'aparelho' do princípio de realidade é diferente nas diversas etapas da civilização.¹¹⁹

A cada época, as mulheres são representadas de formas diferentes e o sistema capital se adequa a cada mudança. Assim diz a autora Ana Maria Colling, ao evidenciar a causa histórica da inferioridade feminina e as formas únicas de opressão dentro do *status quo*, já que o capital defende essa diferença para seu próprio benefício:

As representações da mulher atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos: a mãe, a esposa dedicada, a “rainha do lar”, digna de ser louvada e santificada, uma mulher sublimada; seu contraponto, a Eva, debochada, sensual, constituindo a vergonha da sociedade. Corruptora, foi a responsável pela queda da humanidade do paraíso. Aos homens o espaço público, político, onde centraliza-se o poder; à mulher, o privado e seu coração, o santuário do lar. Fora do lar, as mulheres são perigosas para a ordem pública. Poderíamos arrolar e multiplicar as citações que conclamam as mulheres a não se misturarem com os homens, permanecendo em sua função caseira e materna. As transgressoras destas normas tornam-se homens, traindo a natureza, transformando-se em monstros. Estes limites da feminilidade, determinados pelos homens, são uma maneira clara de demarcar a sua identidade. Como se a mistura de papéis sociais lhes retirasse o solo seguro.¹²⁰

Outro aspecto que podemos destacar e que Marcuse também chama atenção é de como, na sociedade patriarcal, o trabalho doméstico é visto como um "dever natural" das mulheres, que são socialmente pressionadas a cuidar da casa e da família. Isso faz com que as mulheres sejam duplamente exploradas, já que, além de realizarem o trabalho doméstico não remunerado, também são forçadas a conciliar essa atividade com o trabalho remunerado fora de casa. O

¹¹⁹MARCUSE, Herbert: *Eros e Civilização*, p.44

¹²⁰ COLLING, Ana Maria: Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história. p.24, 2014.

capitalismo se utiliza do trabalho doméstico como forma de disciplinar não apenas a mulher, como também o homem, que se baseia na ideia de que o trabalho remunerado é tarefa dos homens, enquanto o trabalho não remunerado é tarefa das mulheres.

Na pandemia ficou ainda mais escancarado como o trabalho doméstico causa impacto na vida das mulheres, já que além de ficarem em casa, também tiveram que trabalhar em tempo integral, cuidar das crianças, do trabalho doméstico, etc. E embora seja uma das principais atividades que sustentam a economia e a sociedade como um todo, esse *trabalho reprodutivo*, na sociedade capitalista, é visto como uma atividade não produtiva, que não gera lucro ou valor para o mercado, “o que eles chamam de amor é trabalho não pago”, diz Silvia Federici. Em 2023 a justiça espanhola condenou um homem a pagar sua ex-mulher por 25 anos de trabalho por "sua dedicação exclusiva ao lar e à família". A decisão é um marco importante na luta pelo reconhecimento do valor do trabalho doméstico e da igualdade de gênero. No entanto, essa decisão também revela a necessidade de medidas mais amplas para combater a dupla exploração das mulheres no trabalho doméstico. Aos poucos, o feminismo pode produzir um discurso realmente radical acerca de nossa constituição social e política.

Marcuse reconhece as formas de opressão patriarcal que a mulher vivencia. No entanto, a emancipação das mulheres não se concentra apenas em um novo princípio de realidade, mas também em uma mudança de consciência dos homens e mulheres, para assim reconhecerem que a emancipação dos indivíduos pode ser positiva para ambos. Atingir a consciência de classe revolucionária nunca foi tão difícil como na era atual, devido às falsas necessidades e à liberdade repressiva. E só a partir de uma nova consciência é possível negar as tendências que estão enraizadas na própria infraestrutura do capitalismo avançado.

A emancipação dos sentidos deve acompanhar a emancipação da consciência, envolvendo assim a totalidade da existência humana. Os próprios indivíduos devem mudar em seus próprios instintos e sensibilidades se quiserem construir, em associação, uma sociedade qualitativamente diferente.¹²¹

Apesar da sociedade unidimensional dificultar as forças de oposição dos indivíduos e procurar absorver os potenciais revolucionários dos indivíduos. Marcuse é otimista em relação à possibilidade de uma civilização madura, a partir de novos interesses, uma nova relação de natureza e sociedade, como alternativas de solidariedade, eroticidade e paz duradoura. Portanto, defender a emancipação feminina diante de uma sociedade patriarcal ainda é mais pertinente,

¹²¹Marcuse, Herbert: *Contra-Revolução e Revolta*, 1981, p. 76.

na insistência de uma saída radical para a libertação não apenas das mulheres, mas também dos homens.

Poderiam ser aqueles que já florescem na sociedade vigente e que demandam sua superação, a saber, nova sensibilidade, anseios expressos pelos movimentos sociais e pela Nova Esquerda, nexos entre técnica e arte, reorientação da racionalidade para a busca de um progresso qualitativo [...]. Trata-se de uma “nova ideia de razão”¹²²

Marcuse não se restringe apenas no campo ideológico, mas no campo prático, propõe novas relações entre homens e mulheres, mas não no sistema capitalista avançada. Ao pensar em uma sociedade madura, é preciso romper com os conteúdos repressivos e substituir por uma nova realidade, libertando assim o Eros e liberando espaço para o princípio de prazer. Isso significa tornar o princípio do prazer dominante, que reside na liberação libidinal. No entender de Marcuse, não é o fim da civilização, como afirmava Freud, mas sim, uma passagem para um nível mais elevado de civilização: uma civilização sem dominação e sem mais-repressão, “A ordem só é liberdade se fundada e mantida pela livre gratificação dos indivíduos”¹²³.

Se quisermos pensar uma sociedade não-repressiva, devemos, portanto, derrubar esses conteúdos repressivos, substituir o princípio de realidade e libertar Eros. Isso significa tornar o princípio do prazer dominante e está liberação libidinal, no entender de Marcuse, não é o fim da civilização, como afirmava Freud.

Vimos que a dessublimação não repressiva seria uma forma de superar as contradições da sociedade industrial avançada, que reprimia a individualidade e a liberdade em favor da eficiência e da produtividade. A partir da criação de uma nova cultura que valorizasse a individualidade, a liberdade e a criatividade humanas, promovendo a ressensibilização do Eros como uma forma de transformação social e pessoal. Vimos que a ressensibilização do Eros se refere à reativação do desejo erótico natural e espontâneo, reprimido pela cultura de conformidade e pela razão instrumental da sociedade capitalista. Marcuse argumenta que a dessublimação repressiva do Eros pode ser alcançada através da superação da repressão sexual e da abertura para experiências sensuais e prazerosas. O resgate do pensamento de Schiller a partir de seus conteúdos estéticos, é essencial para um novo princípio de realidade em Marcuse. Assim, seria possível a realização de uma sociedade madura e de um novo homem capaz de superar a dessublimação repressiva, prevalecendo uma dessublimação controlada a partir de uma eroticidade libertaria, não-repressiva.

É a partir das imagens femininas tradicionais, a origem dessa nova sensibilidade baseada no *Eros*. E nessa proposta que recaem críticas a Marcuse, de promover o desenvolvimento de

¹²² MARCUSE, Herbert: *Eros e Civilização*, p. 217

¹²³ Ibidem, p. 170.

ambos os tipos de qualidades em homens e mulheres, ou seja, um caráter andrógono. Marcuse relembra a dualidade freudiana de princípios pulsionais, apenas *Eros é capaz de sujeitar Thanatos*, só a força de *Eros* é capaz de colocar *Thanatos para* trabalhar a seu serviço, como energia agressiva de defesa ou resistência. No entanto, na sociedade estabelecida, *Eros* se encontra enfraquecido; apenas com a reativação das energias eróticas, teria novamente seu caráter emancipatório, juntamente com *Thanatos*. No entanto, não foram estas representações do feminino produzidas por um olhar masculino? Marcuse é questionado por outras feministas. Ele reconhece que sim, mas acrescenta que a imagem apresentada pelos homens vira -se contra. Marcuse assume o desafio de ver e valorizar as características historicamente associadas às mulheres como instrumentos de transformação, socializando-as e universalizando-as como virtudes.

A formação da consciência militante feminista em uma sociedade patriarcal e capitalista envolve tanto a conscientização individual quanto a luta coletiva por uma transformação social mais justa e igualitária. A crítica revolucionária marcuseana, propõe uma liberdade real que deveria romper com a racionalidade de gratificação do *status quo*, que acabou por promover uma consciência feliz. Marcuse consegue abordar questões fundamentais na época, mesmo que não tão aprofundadas, mas que foram pouco desenvolvidas por outros autores da sua época para analisar os efeitos da unidimensionalidade nos âmbitos da linguagem, consciência, política e sexualidade. Em suma, para Marcuse, a libertação das mulheres é um elemento fundamental para a transformação revolucionária da sociedade e envolve a ressensibilização do *Eros* e uma recuperação da dimensão emocional da sexualidade.

Nesse nível profundo está o potencial mais radical e subversivo do movimento, na medida que é o compromisso com um modo específico de socialismo: um socialismo feminista. Marcuse nomeia o feminismo comprometido com a transformação radical de socialismo feminista, que seria o núcleo de uma utopia concreta da existência humana e livre.

Mas para além da igualdade, a libertação subverte a hierarquia estabelecida de necessidades – uma subversão de valores e normas que faria emergir uma sociedade governada por um novo Princípio de Realidade. E esse, a meu ver, é o potencial radical do *socialismo feminista*. Socialismo feminista: falei de uma modificação necessária da noção de socialismo, porque acredito que no socialismo marxiano existem resíduos, elementos da continuação do Princípio de Desempenho e de seus valores. Vejo esses elementos, por exemplo, na ênfase no desenvolvimento cada vez mais efetivo das forças produtivas, na exploração cada vez mais produtiva da natureza, na separação do “reino da liberdade” do mundo do trabalho.¹²⁴

A grande luta política primária contra a racionalidade capitalista, o socialismo feminino ocuparia um espaço vital, agindo na transformação do indivíduo e da sociedade como oposição

¹²⁴ MARCUSE, Herbert: *Marxismo e Feminismo*, p.86

revolucionária a conservação revolucionária a lógica unidimensional. O socialismo também é o desenvolvimento de uma "segunda natureza" - uma relação alternativa com a linguagem, o corpo, o trabalho, a vida e a morte - e é assim radicalmente diferente do capitalismo.

Concluimos com êxito o desenvolvimento da pesquisa que a verdadeira libertação das mulheres só pode ser alcançada por meio da transformação radical da sociedade, a qual deve incluir a igualdade de gênero e a emancipação das mulheres. Herbert Marcuse, embora não tenha se aprofundado de fato na questão de gênero, consegue contribuir e corrigir implicações profundas, além de ser um dos poucos autores que consegue perceber que ninguém consegue ser verdadeiramente livre - o proletariado, as mulheres, a negritude, LGBT - sem a libertação do outro. Esperamos, com essa dissertação, contribuir e esclarecer questões que estão presentes hoje em nossa sociedade. A opressão de gênero não é um fenômeno biológico, psicológico, mas um fenômeno que se dá nas relações sociais e na sua estrutura.

Marcuse viveu para idealizar e propor novas alternativas para uma sociedade mais justa e igualitária. Por meio de sua história de vida e de seus escritos, seus argumentamos que encontramos em suas obras é possível identificar elementos característicos do feminismo, demonstrando a importância da luta das mulheres e do movimento feminista. O ativismo feminino é essencial para qualquer alternativa anticapitalista, assim como a política anticapitalista é essencial para qualquer reforma estrutural destinada a acabar com a desigualdade de gênero.

Somos o reflexo de uma sociedade construída sob padrões e exclusões políticas de raça, gênero, classe social e orientação sexual. Buscando reconhecer os mecanismos e dispositivos de poder que operam no sentido de reforçar o papel social das mulheres. Estes mesmos dispositivos podem ser apropriados como ferramentas de resistência a todo um sistema pensado e criado na perspectiva de anular as subjetividades. A revolução das minorias significativas é o que alimenta o crescimento da classe trabalhadora. São esses grupos sociais vistos e tratados como marginalizados, que não se adequam aos padrões do capitalismo, seus valores e práticas sociais, sendo incompatíveis para a construção de uma nova subjetividade, uma nova sociedade, um novo indivíduo que, "homens e mulheres com verdadeira consciência de serem humanos, ternos e sensíveis (...)"¹²⁵, o que na perspectiva de Marcuse, constitui uma das mais urgentes tarefas revolucionárias.

Assim finalizamos nossas considerações com Samora Machel:

A emancipação da mulher não é um ato de caridade, não resulta de uma posição humanitária ou de compaixão. A libertação da mulher é uma necessidade fundamental

¹²⁵ MARCUSE, Herbert: *Um Ensaio para a Libertação*, p.36.

da Revolução, uma garantia da sua continuidade, uma condição de seu triunfo. A Revolução tem por objetivo essencial a destruição do sistema de exploração, a construção duma nova sociedade libertadora das potencialidades do ser humano e que o reconcilia com o trabalho, com a natureza. É dentro deste contexto que surge a questão da emancipação da mulher.¹²⁶

¹²⁶MACHEL, Samora: *A Libertação da Mulher é uma Necessidade da Revolução, Garantia da sua Continuidade, Condição do seu Triunfo*, 1982, p. 14

REFERÊNCIAS

- AQUINO, John Karley de Sousa. *A concepção de mudança radical na Teoria Crítica de Herbert Marcuse* / John Karley de Sousa Aquino. 2022. 151 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2022.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. 5º ed. São Paulo: Cortez, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual*. Essa nossa (des) conhecida. 12º ed., São Paulo: Brasiliense. 1991.
- COHEN, Jean L. *Repensando a Privacidade: autonomia, identidade e a controvérsia sobre o aborto*. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, nº 7, Apr. 2012.
- COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história* / Ana Maria Colling. - Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.
- DAVIS, A.Y. *Women and capitalism: Dialectics of oppression and liberation. The Black feminist reader*. 2000.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Trad. Leandro Konder; Aparecida Maria Abranches. 3a ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2016 [1884].
- ENGELS, Friedrich. *O patriarcado do salário* Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax. Editora Elefante, 2017.
- FORNER, Philip S. Clara Zetkin: *Selected Writings*. New York: International Publishers, 1984.
- FREUD, Sigmund. *O Futuro de uma Ilusão, o Mal-estar na Civilização e Outros Trabalhos*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. VII. 1905.
- FISCHER, R. M. B. (2001). *Mídia e educação da mulher: Uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV*. Revista Estudos Feministas, 9 (2), 586-599.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 1987.
- GOLDMAN, Wendy. *Estado, Mulher e Revolução: política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936*. São Paulo, Boitempo: Iskra Edições, 2014.

GADANHA, Alberto Dias. *Razão e revolução: de Herbert Marcuse, por uma dialética de alteração institucional* / Alberto Dias Gadanha.- João Pessoa, 2014. Tese (Doutorado em 2014) - Universidade Estadual do Ceará, 2014.

IVO, R.S.L. *Os catalisadores e suas formas de resistência e luta na teoria crítica de Herbert Marcuse*. In: Diaphonía, e-ISSN 2446-7413, v. 3, n. I, 2017.

KOTHE, Flávio. *Para ler Benjamin*. Editora Francisco Alves, 1976.

LACAN, J. (1975a). *Le séminaire: Livre XX: encore 1972-1973*. Paris: Seuil.

MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial. O Homem Unidimensional*. Trad. Giasone Rebuá Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MARCUSE, Herbert. *Ensaio sobre Tolerância Repressiva*. Tradução: Ruy Jungmann, In: R. P. Wolff, B. Moore, e Herbert Marcuse, *Crítica da tolerância pura*. Rio de Janeiro: Zahar, publicada em 1969.

MARCUSE, Herbert. “*Marxismo e feminismo*”. Trad. Mariana Teixeira. Dossiê Herbert Marcuse, Parte 2 (Dissonância: Revista de Teoria Crítica, v. 2, n. 1.2), p. 77-90, junho de 2018.

MARCUSE, Herbert. *A noção de progresso à luz da psicanálise*. In: MARCUSE, Herbert. *Cultura e psicanálise*. Tradução de Wolfgang Leo Maar, Isabel Maria Loureiro e Robespierre de Oliveira. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

MARCUSE, Herbert. *Contra-revolução e revolta*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

MARCUSE, Herbert. *O Fim da Utopia*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

MARCUSE, Herbert. *Um ensaio sobre a libertação*. Tradução de Maria Ondina Braga. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.

MARCUSE, Herbert. *Razão e Revolução - Hegel e o Advento da Teoria Social*. Tradução de Marília Barroso.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 8a. ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

MARCUSE, Herbert. *A Obsolescência do Marxismo*. In: GARAUDY, Roger et al. *Opções da Esquerda*. Tradução de Luís Augusto do Rosário et al. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1972, p.193-203.

- MARCUSE, Herbert. *Sobre o caráter afirmativo da cultura. In: Cultura e Psicanálise. Coleção de Artigos de Herbert Marcuse. Tradução de Wolfgang Leo Maar, Robespierre de Oliveira e Isabel Loureiro. São Paulo: Paz e Terra, 2001*
- MACHEL, Samora, *A Libertação da Mulher é uma Necessidade da Revolução, Garantia da sua Continuidade, Condição do seu Triunfo*, 1982.
- MARX, K. *O Capital – Crítica da economia política (livro I – O processo de produção do capital)*. 7ª ed. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: BoiTempo, 2013.
- MARX, K. *Glosas Críticas à margem do artigo: “O rei da Prússia e a Reforma Social. Por um prussiano”* apud Karl Marx OEUVRES III – Philosophie, Éditions Gallimard, Paris, 1982.
- MEAD, Margaret. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- NICK, Thorkelson. *De Herbert Marcuse, Filósofo da Utopia: Uma Biografia Gráfica*. Usado com permissão da City Lights Publishers. Copyright © 2019 por Nick Thorkelson. Prefácio © 2019 por Angela Y. Davis. Tradução de Andrey Santiago.
- OLIVEIRA, R. *O papel da Filosofia na Teoria Crítica de Herbert Marcuse*. São Paulo, USP, 2001.
- OLIVEIRA, R. *As afinidades eletivas: Marcuse e Benjamin. Palestra proferida no III Seminário Internacional Políticas de la Memoria Recordando a Walter Benjamin: Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria. Buenos Aires. 2010. Disponível em 24 de agosto de 2015.*
- PASCAL, B. *Pensamentos*. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores). 1988.
- SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- REICH, Wilhelm. *Revolução Sexual*. Oitava edição. Tradução: Ary Blaustein. ZAHAR EDITORES. Wilhelm Reich Infant Trust Fund. 1968.
- SCHILLER, Friedrich, v. *A educação estética do homem numa série de cartas*, 4ª ed, tradução: Roberto Schwarz e Márcio Suzuki, Iluminuras Ltda, 1989.
- SKINNER, B. F. *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes.
- SILVA FILHO, Adauto Lopes da. *História, razão instrumental e educação emancipativa*. 2007. 172f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2007.
- SCOTT, Joan: *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Educação e Realidade. Artigo do Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila.

WOLF, N. *Os mitos da beleza como as imagens de beleza são usados contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ZIZEK, Slavoj. *Alguém disse totalitarismo?: cinco intervenções no (mau) uso de uma noção*. Tradução Rogério Bettoni. -. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2013.

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: 8 Boitempo, 2014, p 23.